

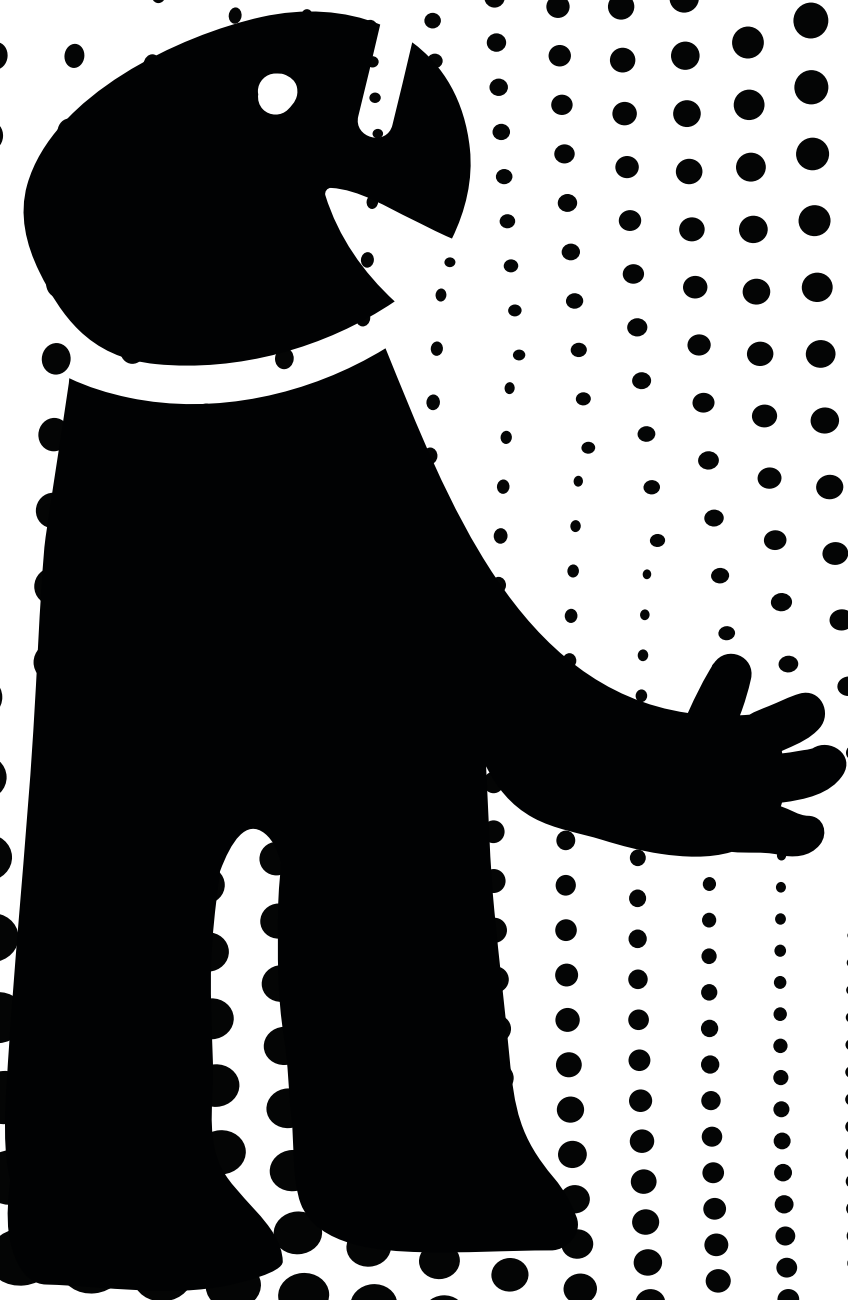
1

CONSTRUINDO VÍNCULOS:

A FORÇA DOS COLETIVOS



0
PROJETO



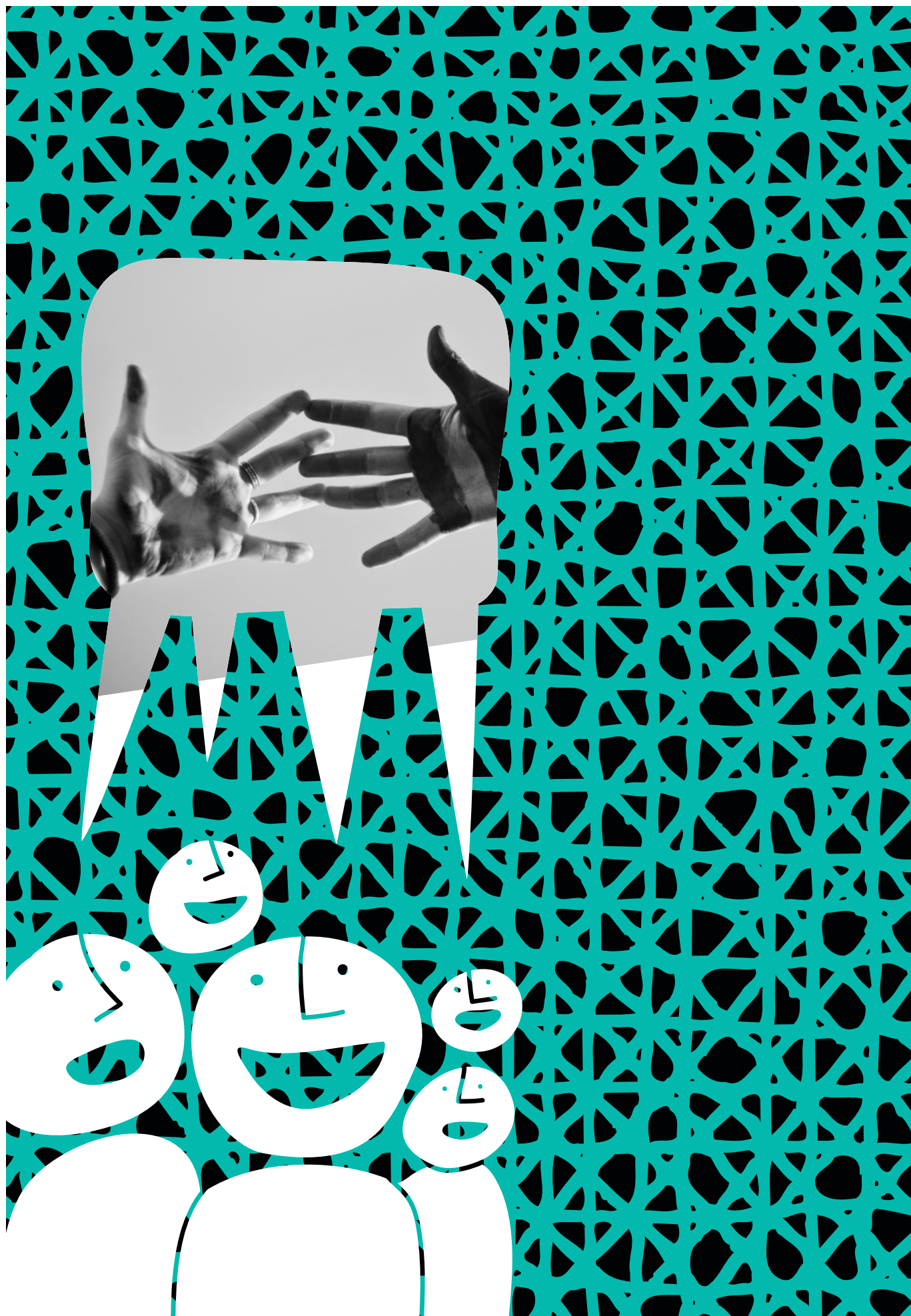
A violência tem consequências físicas, psicológicas e sociais para quem a vivencia, bem como para as suas famílias e comunidades, especialmente quando falamos de vítimas crianças e adolescentes. No Brasil, apesar dos serviços oferecidos pelo Estado, o acesso a esses serviços é dificultado por uma série de obstáculos – como a distância física dos serviços, a necessidade das crianças e dos adolescentes serem acompanhadas por uma pessoa responsável e a dificuldade em dar respostas efetivas a tantas demandas complexas e específicas. Dentro deste contexto, a escola pode ser um espaço importante para prevenir, identificar e agir perante situações de violência, não só pelo tempo de permanência dos jovens na escola, mas pela possibilidade de criar múltiplas estratégias para lidar com essas situações.

Sabemos que o investimento no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes tem um impacto fundamental na sua vida adulta e na qualidade das relações que estes irão estabelecer (Cunha, Heckman, Schennach, 2010; Lannen e Ziswiler, 2014). Estes autores constataam que pouca atenção tem sido dada aos fatores de risco psicossociais como a violência doméstica, estrutural e urbana que pode afetar a infância de modo danoso. Os estudos sugerem que a exposição das crianças e adolescentes à violência urbana e doméstica pode colocá-los em maior risco de sofrimento com problemas relacionais, tais como comportamento agressivo, redução dos níveis de desenvolvimento sócio emocional, pode afetar o comportamento futuro em relação aos próprios filhos (Walker et al 2011), além de ter repercussões significativas sobre a sua saúde, desenvolvimento e bem-estar (Lannen e Ziswiler 2014; ICRW e Instituto Promundo 2012).

O Programa J: Trabalhando com jovens para prevenção de violências foi desenvolvido no âmbito do Projeto Jovens pelo Fim da Violência. Este projeto piloto encerrou seu ciclo de 3 anos em dezembro de 2017 e foi financiado pelo Fundo Fiduciário das Nações Unidas de Apoio às Ações para Eliminação da Violência contra as Mulheres, (UNTF). O projeto teve por objetivo construir uma intervenção com base em metodologias já testadas e comprovadas para prevenir a violência contra jovens em cenários de alta violência urbana (Brasil) e pós-conflito (República Democrática do Congo). Inspirado nos Programas H, M e Living Peace (Instituto Promundo) e do Programa Expect Respect (adotado em escolas públicas de Austin, EUA), além da criação de conteúdos originais, desenvolvemos um currículo flexível e com uma abordagem interseccional para trabalhar a prevenção de violências com a juventude.

Através destes quatro Programas, e de outros subsídios e referências na área da violência de gênero, no Rio de Janeiro fizemos um processo de desenvolvimento participativo de metodologia, em parceria com um grupo multidisciplinar de profissionais (psicólogas/os, professores/as, assistentes sociais e pesquisadores/as) do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) e do Núcleo de Atenção à Violência (NAV)¹. Após 4 ciclos de implementação de oficinas nas escolas alcançamos um total de quase 500 jovens e 150 professoras(es) e outras/os profissionais que atuam no meio escolar.

1 ONG especializada no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência.



O resultado desse processo de (des)construção intensa e coletiva foi a criação desta Caixa de Ferramentas Didáticas, composta por 5 volumes, que discutem questões relacionadas a comunicação, relacionamentos, raça, gênero, participação juvenil e diversidade, relacionando-os com a temática geral da Violência. Encontra-se em desenvolvimento um 6º volume dedicado exclusivamente ao debate sobre raça, etnia e gênero, pois apesar de adotarmos uma abordagem interseccional em todos os volumes, após 3 anos de projeto compreendemos que a discussão desses temas precisa de uma atenção especial. Levando em conta todos os desafios do contexto, nosso objetivo principal consistiu em desenvolver um material versátil para ser utilizado por profissionais que já desenvolvem ou que queiram desenvolver algum trabalho com jovens, seja na escola seja em outros espaços socioeducativos, visando o debate e a reflexão sobre as inúmeras formas de violência.



SOBRE O PROMUNDO

O Instituto Promundo é uma organização não-governamental fundada em 1997 no Rio de Janeiro, que atua no Brasil e internacionalmente para promover a igualdade de gênero com foco no envolvimento de homens e mulheres. Transformar normas e dinâmicas de poder relacionadas ao gênero é um fator estratégico para prevenir violência, promover saúde e relações igualitárias entre diferentes grupos. Com base em pesquisas, o Promundo busca identificar os fatores que levam à desigualdade de gênero e aqueles que contribuem para a transformação dessa realidade. Assim, são criadas, testadas e avaliadas metodologias para envolver homens e meninos e favorecer o empoderamento de mulheres e meninas, utilizando esportes, escolas, unidades de saúde, empresas e outros espaços. As pesquisas e o resultado da avaliação dos programas e ações desenvolvidos pela organização são utilizados para influenciar políticas públicas que possam aumentar o impacto na transformação das relações de gênero. Para mais informações, acesse: **www.promundo.org.br**



ÍNDICE DO MATERIAL

3	O projeto
5	Sobre o Promundo
8	Iniciando a conversa
11	Construindo vínculos: a importância dos coletivos
20	Religião e Violência
24	Atividade 1 – Jogo da Berlinda
25	Atividade 2 – Tipos de grupos (coletivos)
26	Atividade 3 – Diversidade de direitos: eu e as outras pessoas
29	Atividade 4 – Ônibus das emoções
30	Atividade 5 – Exercitando a empatia
34	Atividade de curta duração – Como inserir esta discussão em sala de aula?
36	E se?
38	Faça o seu Fanzine!
44	Dicas
47	Serviços
50	Fechamento
51	Glossário



INICIANDO A CONVERSA

Sabemos o quanto o seu dia é cansativo e o quanto são solicitadas uma série de tarefas, como: preparar as suas aulas e/ou atividades, lidar e resolver situações que fogem do seu planejamento, corrigir provas, testes, exercícios, ir a reuniões e ainda dar conta de atividades extraclasse e de todos os outros compromissos do seu cotidiano.

Este material não surge para sobrecarregar o seu dia, ele tem como objetivo apresentar a discussão de um tema, propor atividades, dar dicas, sugerir ideias e apontar possíveis caminhos estratégicos para manejar situações que podem ser complexas e contribuir com a sua prática profissional.

Queremos que esta seja uma fonte de consulta quando surgir a discussão de um tema que permeia a adolescência e a juventude. Mas é nosso objetivo também que você educador tenha a liberdade de se apropriar desse material e que possa criar novos usos a partir das suas próprias experiências e do local em que está atuando.

Cada volume desta Caixa de Ferramentas apresenta um tema específico, dentro do tema geral da Violência, você também poderá articular as discussões entre os temas específicos, de acordo com as necessidades percebidas. Todos os cinco volumes estão interligados e fazem sentido tanto juntos, quanto separados. Sinta-se à vontade para explorar e usar este material da forma que for mais útil.

Este volume intitulado: “Construindo Vínculos: a força dos Coletivos”, aborda o tema da coletividade e a discute a partir da criação de relações e vínculos. Nele consta a discussão sobre a importância dos grupos para as relações interpessoais e para o desenvolvimento da empatia, tendo em vista dois pontos essenciais para



esta discussão: o reconhecimento da relevância das organizações coletivas para as reivindicações de direitos, para o exercício da cidadania e a compreensão/defesa do trabalho em grupo como uma forma de influenciar o respeito mútuo, uma vez que assim as pessoas conseguem identificar os seus limites e os limites das/os outras/os.

Nós acreditamos que podemos ser diferentes entre nós e que somos livres para estarmos no mundo como quisermos, sem que tenhamos por exemplo, que vivenciar situações de violência. Consideramos fundamental que se tenha respeito por cada pessoa e seu jeito singular de existir. Mas será que todas as pessoas podem ser aquilo que desejam? Será que na prática é assim que funciona com todo mundo? Todas as pessoas têm o direito de se expressarem e de viverem no mundo como querem?

Por falar em prática, é importante pontuarmos sobre essa parte essencial do nosso trabalho. Nós sabemos que não é fácil colocar em exercício tudo aquilo que aprendemos ao longo dos anos e ao mesmo tempo refletir criticamente e ter um posicionamento ético. Este trabalho demanda tempo, faz parte de um processo e precisa sempre ser questionado. Portanto, gostaríamos de pontuar que, para nós, uma postura ética passa por fazer leituras, discussões das situações e de se posicionar sem que nossas opiniões pessoais limitem a liberdade de outras pessoas e restrinjam os direitos de determinados grupos sociais. Enfatizamos, então, que acreditamos e buscamos trabalhar para uma sociedade totalmente equitativa e justa, um mundo mais vivível para todas as pessoas.

Aproveite o conteúdo e curta a leitura! :)

NOSSO POSICIONAMENTO

Antes de iniciarmos a discussão deste volume é importante falarmos sobre nosso posicionamento e o que buscamos e acreditamos. Nós que elaboramos e pensamos este material, entendemos que em qualquer produto elaborado, qualquer projeto ou discurso, tanto explícito, quanto implícito, sempre haverá um posicionamento, isto é, não acreditamos que exista a tal da imparcialidade. É comum pensarmos que não falar sobre algo ou se isentar de tomar alguma atitude é ser imparcial ou neutro. Contudo, entendemos que não falar sobre algo ou não tomar nenhum partido também significa uma tomada de posição. Assim, uma vez que estamos **escolhendo** falar de um ponto de vista sobre algo, logo estamos nos posicionando frente aquele tema e/ou debate.

Vamos pensar assim: A elaboração de um material com determinada discussão ou o nosso discurso sobre uma temática é como contar uma história, é uma forma de narrarmos uma trajetória, um acontecimento. Quando contamos essa história, estamos falando de nosso ponto de vista, daquilo que vimos, achamos, sentimos, não gostamos, gostamos, acreditamos, buscamos, etc. Por isso, é importante falarmos sobre qual ponto de vista estamos contando essa história, é uma forma mais honesta de nos relacionarmos com as pessoas que estão ouvindo/lendo a nossa narrativa todos conseguem saber que estamos falando de um lugar específico e que lugar é esse. Pensando nisso, e reforçando o nosso posicionamento ético e honesto, o que estamos fazendo neste tópico é justamente tornar evidente nosso ponto de vista e o porquê falamos de tal forma.

Assim, gostaríamos de deixar explícito que entendemos ser necessário discutir algumas questões que, normalmente são esquecidas no nosso dia a dia e estão naturalizadas socialmente, para a construção de uma sociedade mais igualitária. É importante falar e se posicionar sobre as questões de gênero, por entender que a violência de gênero é uma epidemia² no Brasil. Portanto, utilizar a linguagem a/o, falar sempre que possível da violência contra a mulher, como também debater sobre a violência que acomete as pessoas LGBTI e as pessoas negras, faz parte da nossa ideia de falar sobre assuntos que usualmente são esquecidos, não só nos espaços escolares, mas na sociedade de forma geral.

E, por isso, **escolhemos** nos posicionar a partir de uma perspectiva que busca combater as violências, tentando informar a partir do nosso posicionamento, em quais momentos e de que forma certos discursos e atitudes podem ser ofensivos, violentos e causar sofrimento em algumas pessoas.

2 Fonte: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-convoca-america-latina-a-acabar-com-feminicidios/>



CONSTRUINDO VÍNCULOS: A IMPORTÂNCIA DOS COLETIVOS

Nos dias de hoje é comum fazer várias coisas de forma solitária, sem que tenhamos a companhia de outra pessoa. A tecnologia trouxe certa autonomia para o nosso dia a dia e nos deu a chance de fazer coisas sozinhas/os. Podemos marcar uma reunião, desabafar com um/a amigo/a e até mostrar fotos e vídeos do que estamos fazendo em tempo real. Contudo, essa sensação de estar sempre sozinha/o pode não ser boa e talvez ela esteja atribuída ao fato de que estamos permanentemente falando com muitas pessoas de forma virtual, mas nem sempre estamos perto das pessoas fisicamente. Esta nova forma de relação pode dificultar a criação de vínculos duradouros, o que acaba, por muitas vezes, produzindo a sensação de insegurança diante das relações interpessoais.

Podemos, então, nos questionar: Qual a importância de estarmos em grupo e criarmos vínculos com as pessoas à nossa volta? Qual a importância da coletividade em nossas vidas? Ou, ainda: será que é realmente importante e necessário estar em grupo e poder compartilhar similaridades e diferenças em relação às outras pessoas e seus pontos de vista? O que esse tipo de encontro pode produzir em nós e na sociedade?

É comum que as pessoas pensem que estão sozinhas no mundo, sobretudo, quando estão passando por algum momento difícil ou desestabilizador em suas vidas. Nesse momento, costuma-se pensar que certas características são exclusivamente individuais ou que alguns problemas acontecem apenas com certas pessoas.

Essa sensação de “estar sozinha/o” pode dar a impressão de que os problemas individuais são mais difíceis de serem resolvidos ou, pior do que isso, pode-se pensar que certas características pessoais ou a própria identidade podem ser um problema que precisa ser resolvido. Uma pessoa tímida, por exemplo, pode enfrentar dificuldades para ter um maior convívio social e talvez ela possa pensar que é a única no mundo com esta característica, se enxergando como portadora de um problema.



No entanto, ao compartilhar suas questões com outras pessoas, é possível que ela não se sinta mais sozinha e perceba que outras pessoas também passam por situações similares. Por isso, uma das formas mais importantes de uma pessoa se sentir fazendo parte de um grupo é através do ato de dividir suas experiências de vida, dialogando com outras pessoas.

Complexificando a discussão e pensando nas questões identitárias, uma pessoa negra passa por várias violências ao longo de sua vida por viver em uma sociedade racista, isto é, as ofensas feitas às pessoas negras, como agressões verbais, físicas, desqualificação intelectual são motivadas pela questão racial. Esse é o tipo de coisa que não acontece com as pessoas brancas, já que ninguém é xingado/a ou inferiorizado/a por ser branco/a. Ao encontrar e compartilhar suas questões com outras pessoas negras, em que ela irá dividir suas histórias e escutar a de seus semelhantes, ela poderá perceber que muito dos seus sofrimentos acontecem por conta do racismo que está enraizado na sociedade e, por isso, ela irá constatar que não está sozinha e que os problemas que ela passa não são de ordem individual, isto é, não vem de sua identidade e sim de uma estrutura social racista.

Ainda sobre este tema, pode-se pensar que uma pessoa que não tenha as mesmas características ou compartilhe da mesma identidade de um grupo, pode também construir outros tipos de vínculos e participar de atividades coletivas. O que leva, afinal, uma pessoa a participar de grupos assim? Será que é possível?

Os coletivos muitas vezes são formados por conta da empatia que os participantes têm em relação a uma temática ou discussão. Por exemplo, se pensarmos em coletivos formados para combater a violência contra a mulher, não são apenas as mulheres que devem participar de grupos que têm como objetivo debater os motivos pelos quais as mulheres são vítimas de violência. O papel do homem pode ser muito importante e potente nesse espaço de discussão. Eles também podem (e devem!) juntar-se e engajar-se nessa problemática para levar o debate para outros locais e, principalmente, para outros homens. Isso faz com que exercitem a empatia e revejam suas posturas e condutas diante de uma sociedade machista. Dessa forma, não é necessário ter uma identidade em comum com outros participantes de um grupo para se aliar em suas lutas. Muitas vezes basta o desejo de se movimentar coletivamente por uma causa em comum e de se posicionar frente a situações preconceituosas e que limitem os direitos sociais de determinados grupos.



ESTABELECENDO PACTOS: PARTILHA, ESCUTA E CONFIDENCIALIDADE

Aprender a escutar outra pessoa é um dos primeiros passos para que se possa pensar de forma coletiva e se colocar no lugar da/o outra/o, exercendo, assim, a empatia. Ao exercer a **empatia** é possível entender o ponto de vista de outras pessoas, ampliando a nossa forma de olhar o mundo. Segundo o dicionário *Aurelio Buarque de Holanda*, empatia é uma “forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa”. Ou seja, empatia é uma forma de buscar compreender o que outra pessoa está passando, mesmo que a pessoa que esteja ocupando o local de escuta nunca tenha passado por essa situação.

Qual a importância da escuta empática?

Quando se está em um grupo, faz-se necessário entender que mesmo as pessoas que tenham algo em comum ou façam parte de um grupo social que compartilhe as mesmas características, esse coletivo, ainda assim, nunca será homogêneo. Por exemplo, imaginem um grupo formado por homens gays, todos têm algo em comum por serem homens e gays, certo? Porém, quando vamos pensar nas particularidades, um homem homossexual pode ser negro ou branco, de classe média ou baixa, cisgênero³ ou trans⁴. O ponto de similaridade está apenas na Orientação Sexual (nesse caso, homossexual), podendo haver diversas outras questões em que diferem todas as pessoas deste grupo.

Para que consigam compartilhar suas experiências é necessário que a(s) pessoa(s) esteja(m) escutando e não julgando ou dando suas impressões pessoais sobre a história relatada, afinal, como opinar na vida alheia se não somos nós que estamos vivendo a vida do/a outro/a? Portanto, escutar de forma empática não só é importante para uma pessoa que não vive a mesma realidade consiga respeitar e ter uma conversa sem violência⁵, como também para a criação de um ponto de apoio para uma pessoa que está precisando ser acolhida. Nesse sentido, também é necessário falar de forma empática, observando as palavras escolhidas, o tom de voz utilizado e os gestos durante uma conversa.

3 Cisgênero é o termo utilizado para se referir às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Isto significa que, se uma pessoa foi marcada como mulher no nascimento e se ela se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero.

4 Pessoas Trans são pessoas que não estão de acordo com o gênero indicado no nascimento. Ou seja, de uma forma geral o médico anuncia antes mesmo do nascimento se será uma menina ou um menino. Uma pessoa trans não está de acordo com gênero que foi atribuído. Por exemplo, se ao nascer o gênero indicado foi masculino, mas ao crescer esta pessoa entende-se como mulher, trata-se de uma mulher trans.

5 Para saber mais sobre o tema da Violência, vá para o Volume 4 – *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*

Outro ponto extremamente importante na construção de vínculos é a **confidencialidade**. Quando alguém compartilha algo e pede segredo deve ser respeitado|a. Dividir sentimentos, angústias e dúvidas nem sempre é fácil. Requer um esforço de se pensar, se abrir, expor a si mesmo/a para outra pessoa, o que significa um voto de confiança e a crença de que determinada informação ficará entre vocês. Por isso, é fundamental respeitar a privacidade das pessoas para que seja possível estabelecer pactos de confiança e ter uma postura ética.

E o que seria um posicionamento ético? O que vem a ser uma postura ética? A questão central da ética está no questionamento sobre como agir perante as outras pessoas, uma vez que vivemos em sociedade e precisamos lidar com diversas singularidades e formas de viver. A ética se dá no compromisso com a/o outra/o, no comprometimento com a singularidade da/o outra/o e o respeito com a sua forma de existir, sem interferir na maneira como determinada pessoa conduz a sua própria vida e faz as suas escolhas pessoais. Segundo o dicionário Michaelis, Ética significa: “parte prática da filosofia social, que indica as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros da sociedade”. Nesse sentido, ética se relaciona com a conduta que tomamos frente a situações e pessoas. No entanto, como saber se estamos sendo éticas/os?

Um bom parâmetro para auxiliar nossa postura em relação à sociedade, e no caso desta discussão, em relação a um grupo de pessoas é avaliarmos se estamos respeitando as diferenças. Não podemos tomar as nossas opiniões e concepções de mundo como padrão para avaliarmos e nos relacionarmos com as pessoas, pois podemos cair no erro de ferir a liberdade alheia, invisibilizando e impondo a nossa própria visão para a/o outra/o. Refletir criticamente sobre as nossas próprias concepções é um princípio ético, uma vez que nos colocamos a pensar sobre nossas próprias atitudes e damos abertura para (re)conhecermos a/o outra/o em sua existência legítima.

Quando estamos em grupo, um caminho para não ocupar uma posição antiética é estar aberta/o e se propor ao diálogo. Pode parecer óbvio, no entanto, não é simples perceber que o diálogo é a melhor forma de resolvermos problemas, de reconhecermos a existência de outras pessoas, de ser uma aposta em um mundo mais justo e conseguirmos de fato praticar o exercício de escutar a/o outra/o e dialogar. Implica em estarmos atentos/as e dispostos a nos repensar, a sair do nosso local de conforto, a nos questionar e, muitas vezes, implica em abrir mão de posicionamentos que nos pareçam tão naturais que nem perceberíamos o quanto poderiam agredir outras pessoas. Significa, portanto, no comprometimento com o direito da/o outra/o ser livre e viver uma vida plena, sem restrições ou imposições. Para isso, é importante refletirmos que a nossa liberdade não pode limitar a liberdade de outra pessoa.

Outro ponto fundamental é entendermos que somos responsáveis pela realidade social em que vivemos. Ser um/a cidadã/o autônoma/o, crítica/o e capaz de dialogar e interferir na realidade em que vive é atuar de forma ética, uma vez que temos um compromisso com o meio à nossa volta. Qualquer interferência positiva, no sentido de mudança e transformação social, beneficia todas as pessoas e é somente através de reflexão, questionamento, análise e mobilização que conseguimos caminhar em busca de uma sociedade mais justa para todos/as.



MOBILIZAÇÃO SOCIAL

A mobilização social pode ser uma das formas mais importantes para lutar pelos seus direitos e também para se juntar a grupos e exercitar a empatia. Quando surgem situações difíceis, uma das melhores formas de resolvê-las pode ser em grupo. Muitas conquistas por direitos nasceram de lutas coletivas, além de ações em conjunto importantes que mudaram o curso da história. Podemos pensar, por exemplo, em alguns conflitos. Se não houvesse um grupo que se organizasse contra regimes ditatoriais, muitas pessoas estariam ainda passando situações árduas e violentas de privação de liberdades, perseguições e agressões.

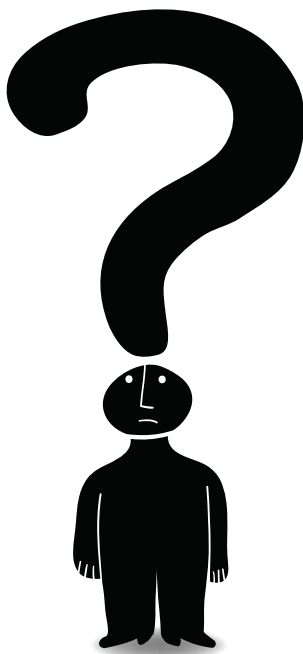
A transformação social pode acontecer quando as pessoas se dão conta que alguns problemas considerados particulares podem ser, na verdade, uma questão estrutural que atinge uma determinada população. Muitas vezes as dificuldades enfrentadas por conjuntos de pessoas podem não ser visíveis, e para isso é necessário mostrar que, muito mais que um problema de um grupo específico, são situações produzidas por conta das relações sociais, sobretudo, pela desigualdade nessas relações. E que, apesar de um grupo específico sofrer diretamente com problemas estruturais, todas/os somos atingidas/os e temos o compromisso de buscar transformar essas desigualdades.

As ações coletivas que podem acontecer diante da constatação das desigualdades são possíveis caminhos para a transformação social. Organizar-se coletivamente pode ser uma forma de lutar contra algumas injustiças que atingem outras pessoas individualmente ou coletivamente.

Pensando nas construções de vínculos que podem acontecer dentro das escolas, faz-se necessário entender a importância desse debate dentro dos espaços educativos/escolares. Uma vez que as instituições escolares são lugares em que muitas crianças e jovens passa a maior parte do seu dia, além de aprender questões significativas para sua vida, a escola pode ser um importante espaço de mobilização social e de pertencimento a um grupo.

Quando certas situações-problemas acontecem dentro das escolas, é possível pensar que se organizar coletivamente seja uma forma de lidar com esses acontecimentos. Por exemplo, podemos pensar em uma aluna que sofreu assédio na escola e como seria possível lidar com esse tipo agressão. Uma das possibilidades é sugerir a formação de um grupo para discussão de machismo dentro da escola, fazendo com que as/os alunas/os⁶ participem, realizando o exercício da empatia e percebendo que mais do que um caso isolado, o machismo é um problema estrutural na sociedade.

A partir dessas reflexões, de espaços para discussão e diálogo, alunas/os poderão ter a possibilidade de pensar diversos temas sociais e, como estamos inseridos/as nesta sociedade, elas/es também poderão repensar suas atitudes, comportamentos, valores e concepções de vida e de mundo. Por isso, é necessário estimular o potencial de cada um/a que compõe nossa rede social, para cada vez mais fazermos do diálogo, da ética, da busca pelos direitos sociais, da empatia, um modo de vida.



⁶ É importante pontuar que em espaços de discussão localizados em ambientes escolares, não são somente as/os alunos/as que serão o grupo atingido pelos debates. Toda escola e seus diversos profissionais são afetados pelas mobilizações a partir da criação de grupos de discussão, seja de forma direta, seja de forma indireta.

O QUE É CIDADANIA?

É um conjunto de direitos e obrigações que estabelece o pertencimento de uma pessoa a um país. A cidadania se aprende com a convivência, na vida social e pública. É no convívio do dia a dia que exercitamos a nossa cidadania, por meio das relações que estabelecemos com as outras pessoas e o próprio ambiente. A cidadania deve ser perpassada por temáticas como solidariedade, democracia, direitos humanos, ecologia e ética.

O QUE É POLÍTICA?

Política é toda atividade que as pessoas praticam com o objetivo de influenciar os acontecimentos, o pensamento e, sobretudo, as decisões da sociedade em que vivem. Quando uma/um jovem, por exemplo, decide participar de um movimento que tenha como objetivo modificar algum comportamento ou situação, está fazendo política. Um exemplo, é quando um grupo se organiza para diminuir os focos de dengue no local em que mora.⁷

⁷ Textos extraídos do Manual Agente M – Promovendo saúde e equidade de gênero entre adolescentes e jovens

MITOS E VERDADES

Participar de discussões e/ou grupos sobre gênero e sexualidade vai “influenciar” a pessoa a “mudar” o seu gênero e a sua orientação sexual -

A orientação sexual e o gênero não podem ser influenciados e/ou transformados através de debates e grupos de discussão. Essas questões dizem respeito a subjetividade, desejo e construção da identidade de cada pessoa em particular. Assim, a participação em discussões relacionadas a temáticas de gênero e sexualidade possibilitam que muitos preconceitos, normatividades e estereótipos relacionados a esses assuntos sejam identificados e possam ser conversados, refletidos e desconstruídos. Falar sobre gênero e sexualidade é uma forma de informar e até de prevenir violências, pois se o assunto for debatido será mais fácil compreender e conviver com as diversas formas de viver a sexualidade e o gênero.

Grupos só servem para que as pessoas se vitimizem e reclamem! - Os grupos podem ser espaços importantes para que as pessoas exerçam a empatia e compartilhem suas histórias, encontrando pares ou apoio. A partir disso, é comum que as pessoas consigam falar sobre suas questões e acabem descobrindo que algumas dificuldades e questões pessoais, até então entendidas e sentidas como individuais, são, na verdade, coletivas e políticas. Por isso, é importante pontuar que não se trata de simplesmente fazer uma reclamação ou de se colocar num lugar de vitimização, mas sim de compreender que muitas vezes as pessoas que participam de grupos têm dificuldades de falar sobre suas próprias experiências e compartilhar histórias pessoais de sofrimento. Muitas vezes, pessoas que pertencem a um determinado grupo são menosprezadas ao falarem o que pensam ou sentem, por isso, estar junto dessas pessoas que não desmereçam suas vivências é de extrema importância.

Grupo é perda de tempo! É coisa de vagabundo - Fazer parte de coletivos pode ser uma forma de interagir com outras pessoas e auxiliar no desenvolvimento de capacidades, como: escuta, empatia, respeito, reflexão, entre outros. Portanto, não significa que a pessoa que participa de um grupo esteja perdendo tempo, mas que ela está investindo em outras relações sociais e ampliando sua rede de contatos, sua visão de mundo e criando outros vínculos.



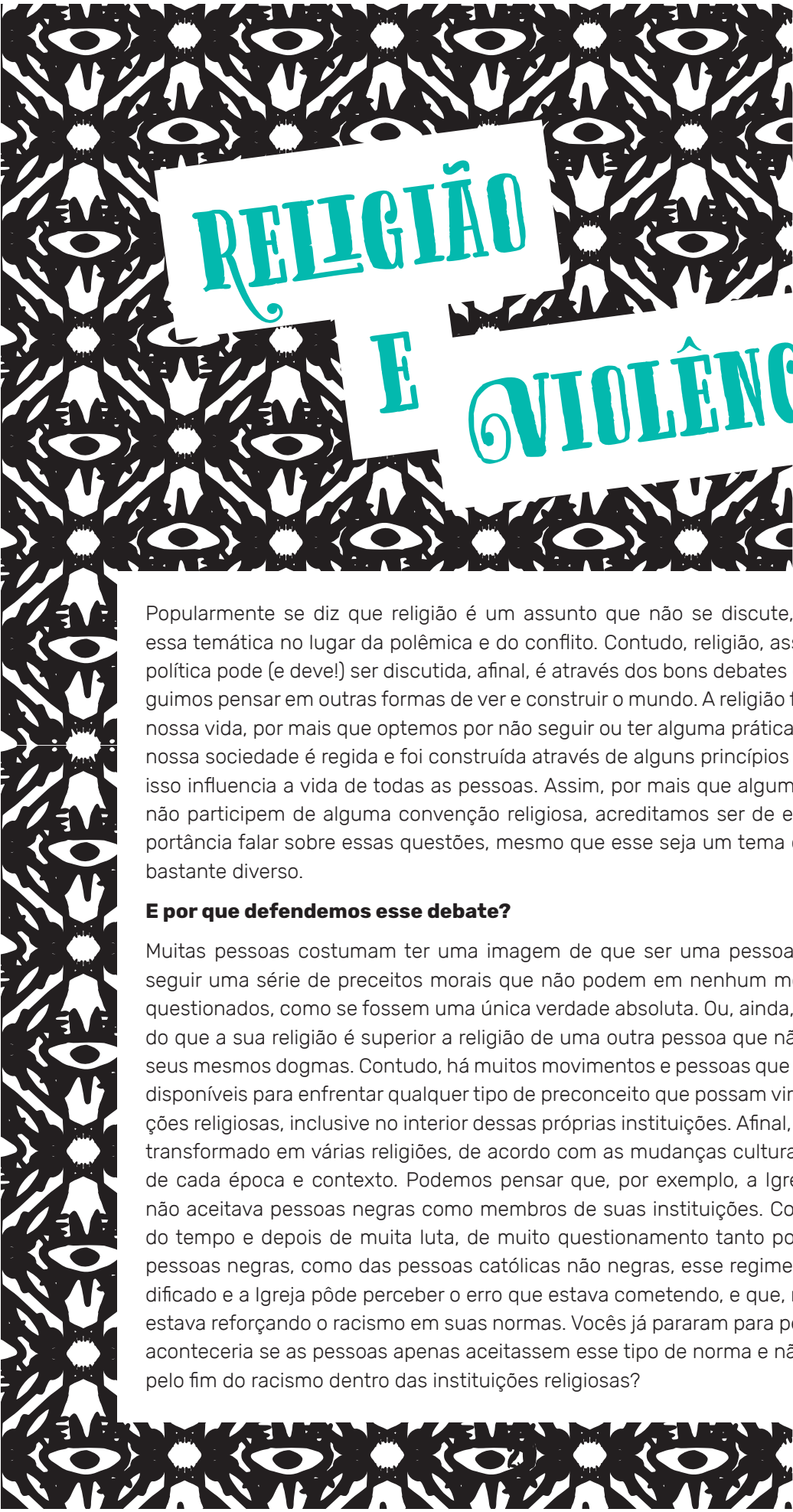
ANTES DAS ATIVIDADES

Cada vez mais as pessoas têm acesso a discussões de forma rápida e possuem a oportunidade de construir um conhecimento sobre diversos assuntos. As redes sociais e sites de pesquisa podem ter um papel informativo e pedagógico para que as pessoas que tenham interesse em assuntos em comum possam trocar ideias e reflexões. Isso faz com que muitas vezes alunas/os cheguem à sala de aula ou em espaços educativos com uma boa discussão sobre alguns temas, pois já pesquisaram por assuntos específicos e talvez até já tenham realizado ou participado de debates em seus espaços sociais, com amigas/os e/ou família.

Por isso, antes de iniciar as atividades, pode ser interessante se perguntar: como está a discussão na sala de aula? As pessoas já tiveram contato com os debates sobre os temas a serem abordados? Qual é o nível de entendimento que a turma possui sobre determinado assunto? É importante observar em qual momento a turma está na discussão, pois a partir daí é possível escolher quais atividades trabalhar e pensar em uma abordagem que seja mais produtiva para aquele grupo específico. Uma das formas de sondagem que pode ser utilizada é iniciar o debate perguntando ao grupo sobre *o que já ouviram falar sobre aquele assunto ou o que pensam em relação a ele*. Partir do conhecimento prévio que a turma tem sobre o assunto pode ser um bom caminho para trabalhar os temas com o grupo.

Sobre o tema da violência é importante perceber se as pessoas conseguem observar quais são as várias formas de violências e se conseguem identificar como elas são construídas socialmente e que elas não são parte do ser humano. Quando se fala em violência é comum pensar que ela se manifesta apenas em forma de agressão física e as outras formas são mais esquecidas ou secundarizadas. Uma dica para trabalhar estes temas que abordam o tema da(s) Violência(s) com um grupo que já esteja mais avançado na discussão é partir para o questionamento e a problematização sobre o gênero, a raça/etnia, a orientação sexual, a localização geográfica de uma pessoa que é vítima de violência, ou seja, começar a explorar quais são os corpos mais sujeitos a sofrerem preconceito, discriminação e violência(s).

É comum chegarmos ao final de um trabalho e pensarmos: será que fez diferença? Uma termômetro que pode ser utilizada para saber como está a discussão são os roteiros de perguntas a serem feitas individualmente por cada participante antes do início da conversa. Para isso, ao fim desse volume, você poderá acessar uma sugestão de questionário que pode ser aplicado junto aos estudantes. É importante lembrar que a sugestão do roteiro de perguntas não é uma avaliação de conhecimento do/a estudante sobre o tema, mas uma forma de você, educador/a, perceber quais são as opiniões das pessoas participantes acerca do tema proposto. Vale ressaltar que, para garantir respostas mais fidedignas, é importante não nomear ou identificar os questionários. Essa informação pode ser passada para o grupo logo no início do encontro, com a finalidade de tranquilizá-los no que diz respeito a confidencialidade e privacidade de suas respostas.



RELIGIÃO

E VIOLÊNCIA

Popularmente se diz que religião é um assunto que não se discute, colocando essa temática no lugar da polêmica e do conflito. Contudo, religião, assim como a política pode (e deve!) ser discutida, afinal, é através dos bons debates que conseguimos pensar em outras formas de ver e construir o mundo. A religião faz parte da nossa vida, por mais que optemos por não seguir ou ter alguma prática religiosa. A nossa sociedade é regida e foi construída através de alguns princípios religiosos e isso influencia a vida de todas as pessoas. Assim, por mais que algumas pessoas não participem de alguma convenção religiosa, acreditamos ser de extrema importância falar sobre essas questões, mesmo que esse seja um tema complexo e bastante diverso.

E por que defendemos esse debate?

Muitas pessoas costumam ter uma imagem de que ser uma pessoa religiosa é seguir uma série de preceitos morais que não podem em nenhum momento ser questionados, como se fossem uma única verdade absoluta. Ou, ainda, entendendo que a sua religião é superior a religião de uma outra pessoa que não segue os seus mesmos dogmas. Contudo, há muitos movimentos e pessoas que se colocam disponíveis para enfrentar qualquer tipo de preconceito que possam vir de instituições religiosas, inclusive no interior dessas próprias instituições. Afinal, muito já foi transformado em várias religiões, de acordo com as mudanças culturais e sociais de cada época e contexto. Podemos pensar que, por exemplo, a Igreja Católica não aceitava pessoas negras como membros de suas instituições. Com o passar do tempo e depois de muita luta, de muito questionamento tanto por parte das pessoas negras, como das pessoas católicas não negras, esse regimento foi modificado e a Igreja pôde perceber o erro que estava cometendo, e que, na verdade, estava reforçando o racismo em suas normas. Vocês já pararam para pensar o que aconteceria se as pessoas apenas aceitassem esse tipo de norma e não lutassem pelo fim do racismo dentro das instituições religiosas?

Nessa mesma perspectiva, existem movimentos feministas e LGBTI dentro de várias instituições religiosas. Esses movimentos lutam pelo direito das mulheres e das pessoas LGBTI e debatem a importância de falar sobre a vivência dessas pessoas numa perspectiva que não seja machista, homofóbica, lesbofóbica, bifóbica e transfóbica. Ou seja, debate-se a importância de construir uma religião que tenha seus rituais espirituais e suas crenças filosóficas, mas que isso não interfira de forma violenta na vida e nos corpos das pessoas. Esse tipo de crítica vinda de pessoas que exercem os preceitos religiosos em suas vidas é muito interessante, uma vez que permite a construção de uma religião mais comprometida com a ética e com o respeito, uma religião comprometida com o fim dos preconceitos e da violência.

Na religião católica, temos o exemplo das Católicas Pelo Direito de Decidir, um movimento de mulheres que se “propõem articular as ideias do feminismo com o cristianismo, buscando argumentação teológica consistente e oferecendo a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo, que pode nos fazer felizes, sem nos sentirmos culpadas”⁸. Outro grupo que se mobiliza através das redes sociais e busca questionar condutas religiosas observando as questões e as transformações sociais é a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto⁹. Com isso, pode-se observar grupos no interior de instituições religiosas que fazem o esforço de questionar as normas sociais que produzem violências, a fim de construir uma sociedade e uma religião mais justas e igualitárias.

Outro ponto que devemos discutir em relação às religiões é a questão da intolerância religiosa. Faz-se necessário entender o motivo pelo qual algumas religiões são mais aceitas do que as outras, como algumas religiões são entendidas como oficiais e superiores a outras. Afinal, por que algumas religiões são motivos de “piadas” entre alguns grupos e os membros dessas religiões passam por uma série de violências? Por exemplo, você já ouviu a expressão “chuta que é macumba” ou “isso é coisa de macumbeiro”? Utilizamos esse tipo de frase para nos referirmos à religiões de matriz africana, dando a entender que pessoas dessa religião não merecem respeito, que essa religião é menos legítima que outras, além de desqualificar suas práticas religiosas, suas lutas diárias e as conquistas em sua vida, alegando que as pessoas se utilizaram de “magias ocultas” para conseguirem tudo aquilo que desejaram.

É importante destacar o quanto o preconceito contra as religiões dematrizes africanas está ligado a uma estrutura social racista, uma vez que essas religiões foram trazidas para o Brasil por pessoas negras. Podemos ver exemplos de intolerância religiosa com práticas racistas quando vemos a destruição de terreiros com o intuito de impedir que as pessoas pratiquem suas crenças, a violência estrutural

8 Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>

9 Disponível em: https://www.facebook.com/frenteevangelicapelalegalizacaodoaborto/?ref=br_rs

quando nem passa pela nossa cabeça que determinada pessoa pode proferir a fé de religiões de matrizes africanas, o preconceito que as crianças e adolescentes candomblecistas e umbandistas sofrem nas escolas quando precisam realizar algum preceito religioso e frequentar as aulas com as vestes específicas da sua religião. Afinal, podemos nos questionar: qual o problema de pessoas acreditarem e viverem algo diferente das religiões que são vistas como oficiais, são entendidas como hegemônicas? O que afeta na nossa vida se alguma pessoa profere uma fé diferente da nossa ou até mesmo não profere fé alguma?

A maioria das religiões prega o respeito e o amor pelo próximo/a, sendo assim, é importante também respeitarmos as pessoas e as crenças diferentes daquelas que seguimos!

Segue abaixo links com temáticas sobre religião e a crítica aos preconceitos:

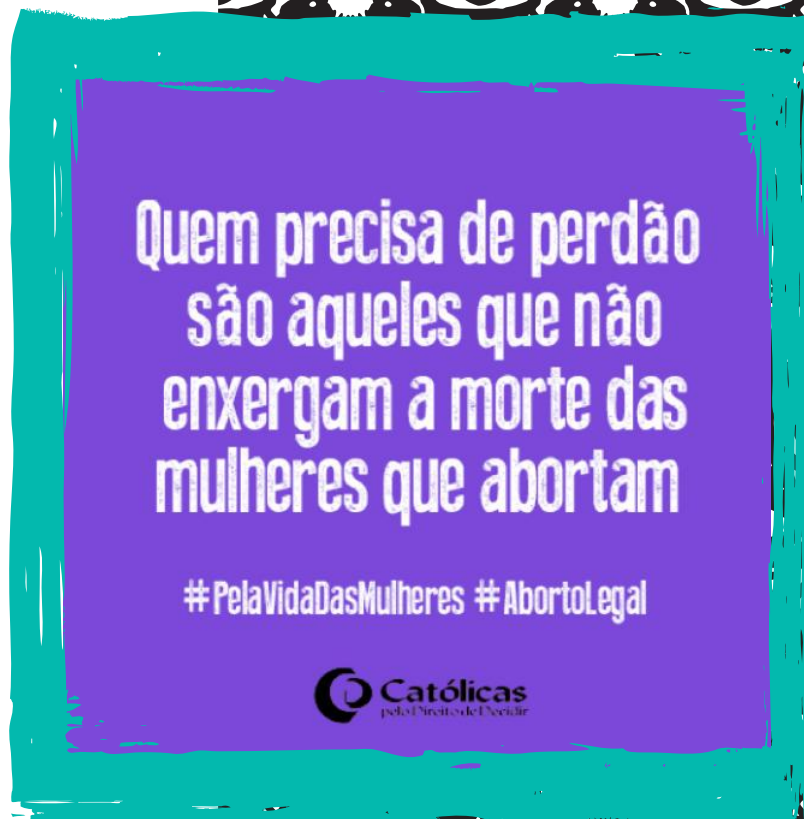
15 coisas que pessoas de religiões de matriz afro gostariam de te dizer

https://www.buzzfeed.com/ramosaline/coisas-que-pessoas-de-religioes-de-matriz-afro-gostariam?utm_term=.pryaV0G5xj#.mtepj2Wk0z

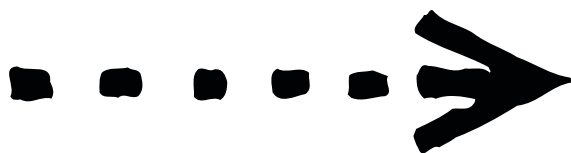
Os argumentos das católicas brasileiras que há 25 anos defendem o aborto

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42372359>





ATIVIDADES



ATIVIDADE 1

JOGO DA BERLINDA

Objetivo: Refletir sobre como é se sentir fora de um grupo e como é deixar alguém fora do grupo.

Materiais necessários: Nenhum.

Duração da atividade: 15 minutos

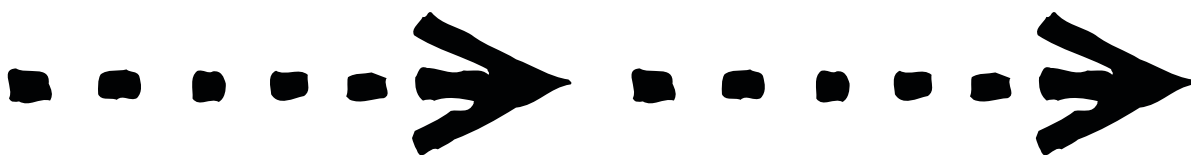
Passo a passo:

1. Peça para que uma pessoa se voluntarie para sair da sala.
2. Peça para o grupo que permaneceu na sala fazer um círculo bem fechado. Para isso, o grupo poderá dar as mãos.
3. Avise as pessoas do grupo que você irá chamar a pessoa que saiu e que elas não poderão deixá-la entrar no círculo.
4. Peça para que a pessoa que se voluntariou retorne à sala e tente entrar no círculo de pessoas.

Perguntas para discussão:

- Pergunte a quem saiu da sala: Como você se sentiu lá fora? Como foi pra você tentar entrar no círculo? O que você sentia quando percebeu que estava sendo barrada?
- Pergunte às pessoas que formaram o círculo em grupo: Como vocês se sentiram permanecendo na sala, sabendo que havia uma pessoa lá fora? Como foi pra vocês a tentativa de barrar que alguém entrasse no círculo? Como vocês se sentiram?

Fechamento: Encerre esta atividade pontuando que pode ser muito ruim para uma pessoa se sentir excluída de um grupo e que todas/os nós somos capazes de mudar situações de exclusão. Pontue também que um grupo pode se unir ao ponto de conquistar o que almeja, como no caso do exercício, não deixar que alguém rompesse o círculo.



ATIVIDADE 2

TIPOS DE GRUPOS (COLETIVOS)

Objetivo: Reconhecer diferentes características e identidades que formam grupos. Analisar a importância da coletividade em nossas vidas.

Materiais: Flip chart, caneta pilot

Duração da atividade: 30 minutos - 1 hora

Passo a passo:

1. A partir de uma “chuva de ideias”, pergunte ao grupo o que vem em suas cabeças ou o que passa por sua imaginação quando se pensa nas palavras “Grupo”, “Coletividade” e “Vínculos”.
2. Conforme os participantes forem falando, a/o facilitador/a anota no material que estiver disponível (pode ser um quadro, flip chart, papel, caderno, etc) as ideias e/ou palavras ditas pelas pessoas participantes
3. Peça que escolham um parceiro ou parceira para conversarem sobre uma situação em que um vínculo com um grupo ou coletivo foi importante. Outra sugestão é pedir para que discutam sobre as ideias ditas pelo grupo no momento anterior.
4. Pontue a importância de não estar sozinho/a em determinados momentos da vida e de não se sentir só. A pessoa que está facilitando esta atividade deverá incentivar as pessoas a falarem sobre os tipos de grupos que vivenciaram, a identificar os pontos positivos na participação de coletivos e a refletir de que forma os pontos negativos podem ser trabalhados e transformados.

Perguntas para discussão:

- Como vocês se sentem fazendo parte de um grupo?
- Quais podem ser os benefícios de fazer parte de um grupo?
- Quais podem ser desafios de um participar de um grupo?
- Alguma vez você já se imaginou fazendo parte de um coletivo/grupo junto de pessoas que você não conhece ou não tem afinidade? Como se sentiria?
- Como é possível quebrar as barreiras para construir novos vínculos e envolver outras pessoas no grupo?
- Você acha isso importante? Por quê?

ATIVIDADE 3

DIVERSIDADE DE DIREITOS: EU E AS OUTRAS PESSOAS

Objetivo: Encorajar a empatia com pessoas de diversas realidades e discutir a origem da violência associada a grupos estigmatizados em nossa sociedade.

Materiais necessários: Folhas de papel A4, marcadores e fita adesiva.

Duração: 1 hora

Dicas para planejamento: Essa técnica geralmente leva as/os jovens a rir e a ter que desempenhar ou atuar no papel de pessoas de diversas realidades. É importante procurar manter um espírito leve na técnica, sem censurar os/as jovens e fomentando o respeito para com as diferenças durante a atividade. Se a/o facilitador/a preferir, pode deixar um tempo no início para que os/as participantes se olhem e percebam o papel da/o outra/o. As possíveis brincadeiras ou risadas podem ser utilizadas no momento de reflexão geral, quando os estereótipos e preconceitos forem discutidos.

Passo a passo:

1. Antes que o grupo comece suas atividades, selecione frases que você acha que são mais apropriadas de acordo com a relação abaixo. Escreva estas frases em uma folha de papel. Selecione um número suficiente de frases para cada participante. Se quiser, crie outras frases, outros exemplos ou repita alguns, se achar necessário, para que sejam melhor compreendidos pelo grupo ou se adequem melhor ao contexto local. As frases abaixo são sugestões e você pode incluir aquelas que acredita ser uma demanda de discussão daquele grupo em específico. Lembre-se que a relevância está em discutir os estereótipos, as restrições de liberdades de determinados grupos sociais e identidades, mesmo quando a frase utilizada for a de um grupo privilegiado socialmente. Neste caso, discuta os privilégios e reflita sobre as violências que acometem as minorias sociais (em relação aos seus direitos e a garantia deles).
2. Peça às/aos participantes para sentarem em círculo e fecharem os olhos. Explique que será colocada uma folha de papel em suas mãos com uma palavra ou uma frase escrita. Depois de receber o papel, os/as participantes deverão ler a frase sem comentar nada.
3. Peça a cada pessoa que pegue um pedaço de fita e cole na parte da frente da sua camisa.
4. Peça para que todas/os se levanten e andem devagar pela sala com o papel colado, lendo as frases das outras pessoas, cumprimentando-as, mas sem falar nada, em silêncio.
5. Em seguida, diga para as/os participantes formarem um círculo e se olharem. Explique que cada pessoa deve ser um personagem e que deve criar uma história que tenha a ver com a frase que recebeu – uma história que fale

sobre sua condição ou realidade. Dê algum tempo para que possam refletir sobre a condição ou realidade da personagem que irão criar de acordo com a frase recebida.

6. Pergunte se há algum/a voluntária/o para começar. Então, cada um/a, aleatoriamente ou na ordem do círculo, conta sua história.
7. Após a apresentação de cada história, encoraje o grupo a fazer perguntas para o personagem. As perguntas feitas pelo grupo são muito importantes e podem revelar preconceitos e estereótipos que devem ser criticados no momento da reflexão sobre essa técnica. Uma dica que pode ajudar nesse momento de interação do grupo com perguntas é dar o tom de “entrevista” na atividade, provocando a curiosidade das/os jovens em relação a história apresentada pela pessoa em questão. Assim, podem surgir várias perguntas interessantes sobre a história contada. Peça para que a pessoa vá criando a narrativa a partir das perguntas feitas, sem refletir ou programar muito, mas que siga o seu próprio fluxo de criatividade.
8. Discuta as questões a seguir.

Perguntas para discussão:

- Você conhece algum/a jovem que enfrentou situação semelhante à descrita no papel?
- Como foi, para você, viver esse personagem? Como se sentiu?
- Como costumamos nos relacionar com pessoas consideradas diferentes da maioria? Existe alguma relação de poder neste tratamento?
- Em muitos lugares, um/a jovem que é “diferente” pode sofrer discriminação e violência. Por quê?
- Como as pessoas de onde você mora costumam lidar com quem tem características consideradas “diferentes”?

Sugestões de papéis:

Minha mãe é prostituta

Sou milionário

Meu pai está na cadeia

Minha namorada/meu namorado me traiu

Sou evangélico/a

Sou homossexual

Não sei ler

Moro em um condomínio de classe média

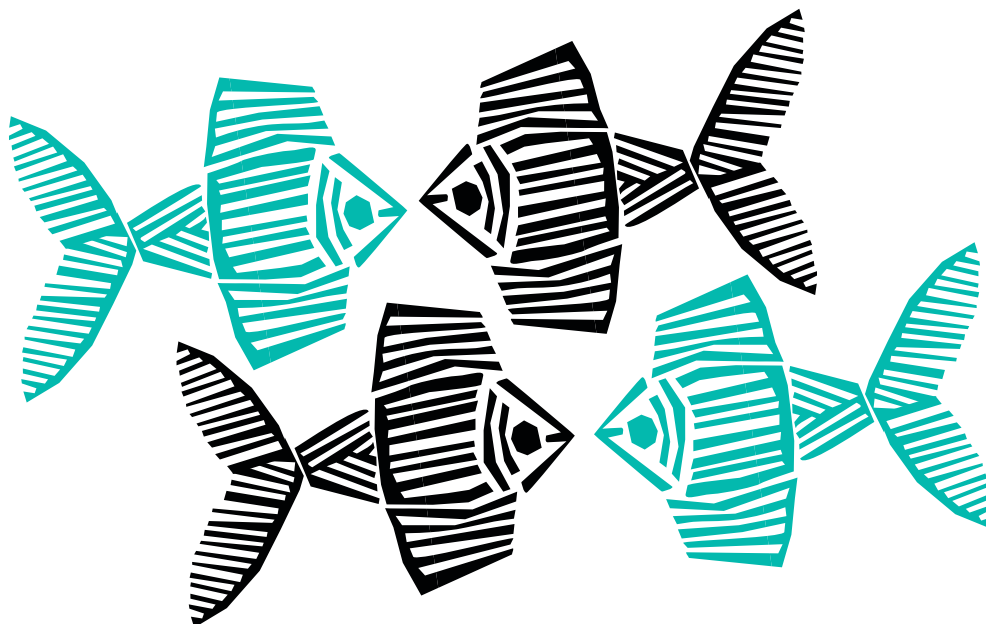
Sou menino de rua

Bati em minha namorada

Sou pai e cuido dos meus filhos

Sou alcóolatra
Sou do candomblé
Sou modelo
Sou branco/a
Sou bissexual
Sou transexual
Estudo em escola particular
Sou gay
Sou cego/a
Moro na Zona Sul

Fechamento: Pode-se fechar esta técnica perguntando às/aos participantes sobre outros exemplos de histórias diferentes das narradas ou até de minorias que não foram incluídas na atividade. Às vezes podem surgir exemplos de pessoas percebidas como diferentes no que diz respeito aquilo que nunca foi problematizado acerca daquela identidade ou minorias sobre as quais não haviam sido pensadas. O importante nesse momento é tentar debater junto com o grupo quais são os estereótipos associados a um determinado grupo e os motivos que nos fazem ter uma ideia preconcebida.



ATIVIDADE 4

ÔNIBUS DAS EMOÇÕES

Objetivo: Exercitar a capacidade das/dos participantes na interpretação e expressão de diferentes emoções.

Duração: 15 minutos - 1 hora

Materiais necessários: Cadeiras, Flip Chart e Canetas Pilot

Dicas de planejamento: A ideia desta atividade é, também, de integrar o grupo e tornar o ambiente mais informal.

Passo a passo:

1. Peça que as/os participantes fiquem de pé e que estão entrando em um ônibus lotado.
2. Cada um/a vai subir no veículo, expressando uma emoção diferente - felicidade, raiva, ansiedade, alegria, etc.
3. Todas/os os/as passageiras/os sobem no ônibus e entram no "clima" que percebem existir dentro daquele veículo.
4. O motorista, contagiado por essas emoções, também expressa suas opiniões.
5. Ao chegarem ao ponto final, o motorista diz que essa viagem foi muito diferente, pois as pessoas falavam o que sentiam. Pergunta, então, quais foram as diferentes emoções que surgiram - pessoal e coletivamente - e o que poderia ser modificado para melhorar as condições das/os passageiras/os. Em conjunto com as/os participantes, faça uma lista de quais regras são necessárias para tornar as atividades dos grupos mais agradáveis e cooperativas.

Perguntas para a discussão:

- O que acontece quando as pessoas entram em um ônibus lotado?
- Acontecem situações de violência? De quem para quem?
- Enquanto passageira/o, o que é possível fazer para melhorar esta situação sendo cidadã ou cidadão?

Tenha em mente que...

Existem regras de convivência importantes quando se está junto a um grupo: respeitar a posição do outro, discutir formas de melhorar as situações em que as emoções estão mais fortes do que a razão.

ATIVIDADE 5

EXERCITANDO A EMPATIA

Objetivo: Exercitar a capacidade de empatia das/dos participantes, fazendo com que se dêem conta da existência de grupos sociais que possuem acesso a direitos básicos e outros grupos que possuem dificuldades/restrições para esse acesso. Isto é, enquanto uma pessoa pode demonstrar afeto em público, outra corre risco de passar por situações de constrangimento e violência.

Duração: 1 hora

Materiais necessários: Nenhum.

Dicas de planejamento: Dependendo da quantidade de pessoas, a atividade precisará ser realizada em um local amplo. Leia as perguntas da atividade antes de realizar a dinâmica, pois dependendo do contexto do grupo, as perguntas precisarão passar por modificações para ficarem de acordo com aquela realidade. É possível adaptar ou excluir perguntas fazendo com que faça mais sentido para cada turma. Lembre-se que é necessário entender a necessidade e nível de discussão de cada grupo.



Passo a passo:

- Peça para que as pessoas fiquem ao lado umas das outras e formem uma fileira no formato horizontal. Peça para que as pessoas se dêem as mãos. É necessário ter espaço para que elas se movam para frente e para trás.
- Na medida em que a/o facilitadora/r for realizando as perguntas, as pessoas irão responder andando para frente, para trás ou ficando no mesmo lugar. Por exemplo, se a pergunta for “Se você consegue andar pelas ruas sem sentir medo de assédio sexual, dê um passo para frente”, a pessoa que consegue andar sem sentir medo, irá dar um passo para frente. Quem não consegue andar sem sentir medo, permanece no mesmo lugar. O mesmo exemplo também serve no caso da pergunta pedir para que a pessoa dê um passo para trás. Se a pessoa estiver de acordo, ela dará o passo para trás. Se não, ela permanecerá no mesmo lugar.
- É importante enfatizar que as pessoas só irão se locomover respondendo as perguntas: “para frente” ou “para trás”. Se a resposta da pessoa não condisser com o pedido da pergunta, a pessoa não irá se mover.
- Se for necessário, faça algumas perguntas genéricas apenas para mostrar como exemplo, caso a atividade não seja entendida por todas as pessoas. Exemplos: “Se você gosta de chocolate amargo, dê um passo para frente”. E explique que quem não gostar, se mantém no mesmo lugar.

Perguntas para discussão:

1. Se você consegue andar pelas ruas sem sentir medo de assédio sexual, dê um passo para frente.
2. Se você consegue demonstrar afeto pela/o sua/seu companheira/o romântico em público sem sentir medo de ridicularização ou violência, dê um passo para frente.
3. Se você já foi diagnosticado com alguma doença mental ou deficiência mental/física, dê um passo para trás.
4. Se você veio de um ambiente familiar que te apoiava, dê um passo para frente.
5. Se você alguma vez já teve que mudar seu sotaque ou trejeitos para ganhar credibilidade, dê um passo para trás.
6. Se você pode ir a qualquer lugar e facilmente encontrar produtos para o seu tipo de cabelo ou cosméticos que sejam da cor da sua pele, dê um passo para frente.
7. Se você pode cometer erros e ninguém atribuir seu comportamento ao seu gênero ou raça, dê um passo para frente.
8. Se você nunca pensaria duas vezes antes de chamar a polícia quando algum problema acontecer, dê um passo para frente.
9. Se você pode ver um médico sempre que tem necessidade sem ter que enfrentar uma grande fila de espera, dê um passo para frente.
10. Se você alguma vez já foi a única pessoa da sua raça ou status social em uma sala de aula ou em um local de trabalho, dê um passo para trás.
11. Se você precisou de alguma ajuda financeira de outras pessoas (que não são seus familiares) ou de outras instituições para custear seus estudos, dê um passo para trás.

12. Se você teve que trabalhar durante os anos de estudo, dê um passo para trás.
13. Se você se sente confortável de andar sozinho na rua, dê um passo para frente.
14. Se você alguma vez já saiu da cidade natal, dê um passo para frente.
15. Se você já sentiu como se não existisse uma representação real do seu grupo racial, da sua orientação sexual ou deficiência na mídia, dê um passo para trás.
16. Se você sentiu confiança de que seus pais poderiam te dar apoio financeiro se você passasse por alguma dificuldade, dê um passo para frente.
17. Se você já sofreu preconceito ou foi feito/a de piada baseado em algo que você não podia mudar, dê um passo para trás.
18. Se existiam mais de 30 livros na casa que você cresceu, dê um passo para frente.
19. Se os seus pais ou responsáveis frequentaram a faculdade, dê um passo para frente.
20. Se você pode comprar roupas novas ou ir a um jantar quando quiser, dê um passo para frente.
21. Se você já conseguiu um emprego por ser amigo ou familiar de alguém, dê um passo para frente.
22. Se algum dos seus pais já esteve desempregado, não por opção, dê um passo para trás.
23. Se você já se sentiu desconfortável com uma piada ou um regimento relacionado a sua orientação sexual, mas se sentiu inseguro de confrontar a situação, dê um passo para trás.
24. Se você tem fácil acesso a capital do seu estado, dê um passo para frente.
25. Se você tem fácil acesso a programações culturais (museus, teatros, shows, exposições), dê um passo para frente.
26. Se você já teve medo ou receio de entrar em lojas, pedir informações, tirar alguma dúvida por causa da sua raça, dê um passo para trás.
27. Se você já ouviu insultos por causa da sua cor de pele, seus traços físicos, seu cabelo, devido a sua raça, dê um passo para trás.
28. Se sua capacidade intelectual já foi questionada ou o cargo ocupado por você causou alguma estranheza, tendo em vista a sua raça, dê um passo para trás.

Fechamento: Peça para as pessoas se olharem e compararem a distância que tomaram umas das outras. Pontue que no início elas estavam mais próximas, ou seja, em posição de equidade e, conforme as perguntas foram sendo feitas, elas se distanciaram. Explique que muitas das vezes as pessoas se distanciam pela falta de oportunidades ou pela dificuldade de acesso que algumas pessoas têm. Isto é, algumas pessoas possuem privilégios em relação a outras pessoas, como

por exemplo, pessoas ricas têm privilégios em relação a pessoas pobres e pessoas brancas tem privilégios em relação a pessoas negras. Diga o quanto é importante que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades na vida e que uma das formas para que se consiga transformar as desigualdades sociais é através de mobilizações, reivindicações e com a união de um grupo que lute pela justiça social.

Tenha em mente...

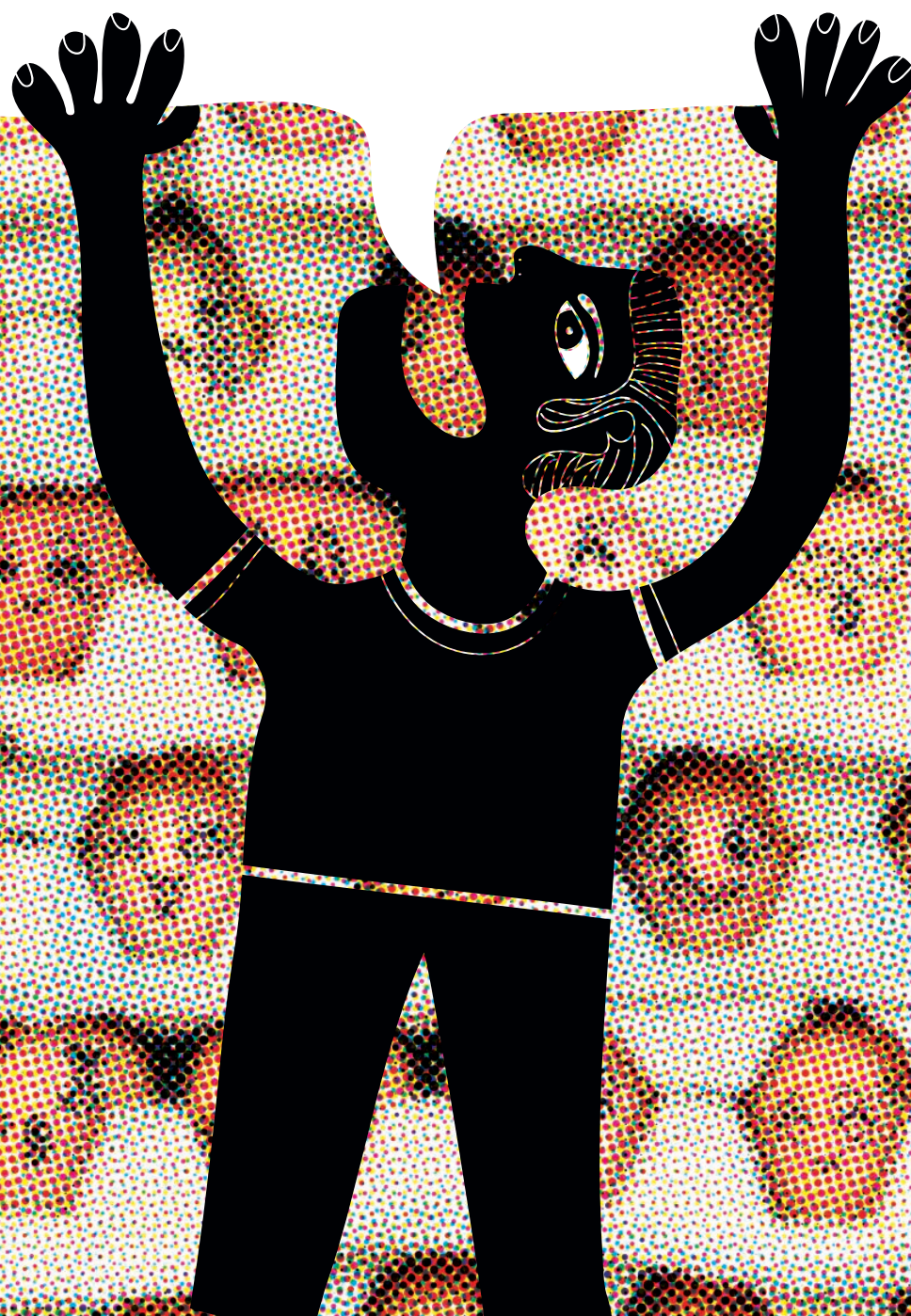
As pessoas costumam lembrar-se de casos particulares/individuais que não condizem com a regra de uma estrutura social, recordando sempre de pessoas e/ou situações específicas que fazem parte de uma exceção. Explique que esta atividade pretende pensar as dinâmicas sociais a partir de uma estrutura, de um coletivo, daquilo que atinge todos nós a partir de normas sociais. Sempre que o discurso se voltar para situações isoladas e/ou individuais, a/o facilitador/a precisará pontuar que não se trata de individualizar os casos, mas trabalhá-los e discuti-los através de um olhar mais amplo se atentando para relações sociais.

Se for necessário, peça para o grupo fazer um exercício junto com você. Se surgir um relato específico, como por exemplo: “não existe racismo ou machismo”, a/o facilitador/a pode pedir para que as pessoas pensem quantas/os médicas/os negras/os já conheceram e quantas mulheres existem hoje atuando em cargos de poder no Congresso Nacional. Dessa forma, essas questões serão analisadas de forma estruturais e não individuais. Caso surja algum relato enfatizando o caso em específico, busque pontuar o caráter de exceção deste caso e volte a discussão para o grupo social em questão.

Pode ser que algumas pessoas que pertencem a um determinado grupo ainda não tenham refletido sobre alguns tipos de violências e, por isso, podem ignorar certas perguntas. Fique atenta/o a esses casos e, se acontecer situações assim, debata junto com o grupo as perguntas que você notou algum tipo de resistência.



COMO INSERIR ESTA
DISCUSSÃO EM SUA AULA:



Neste volume, nós apresentaremos três exemplos de como trabalhar temas sobre grupos e coletividades em sala de aula, sem precisar parar suas atividades para realizar uma oficina. Nos demais volumes você encontrará mais exemplos de como trabalhar outros temas, lembrando que são apenas propostas e você pode pensar e propor outras formas de promover essas discussões em sala de aula.

Na disciplina de História você poderá falar sobre a importância dos grupos sociais que influenciaram diretamente na reorganização da sociedade, visando uma sociedade mais justa e igualitária. Fale sobre como grupos são capazes de se unir e reivindicar por seus direitos e como isto é necessário para a consolidação de uma sociedade democrática e da transformação da realidade. Temas a serem explorados: Diretas Já, Conquista do Voto para as Mulheres, Regulamentação da Lei de Racismo, Casamento entre pessoas homossexuais, Zumbi dos Palmares e os quilombos.

Na disciplina de Educação Física estimule a interação entre os grupos durante as atividades, pergunte as/os alunas/os como eles se sentem ao realizarem tarefas em coletivos e discuta a importância da colaboração entre os pares, rompendo com a ideia de competitividade.

Para todas as disciplinas: Incentive o trabalho em grupo. Ao invés de apenas decidir que a atividade acontecerá em grupo, explique os benefícios e o lado positivo de interagir com outras pessoas. Reconheça que existem desafios, mas reforce os pontos positivos. Tente deixar evidente que o grupo pode ser uma maneira de crescimento pessoal e coletivo.





E SE?

Neste tópico nós iremos dar algumas sugestões de como “se sair bem” caso aconteça alguma situação que acione diversos tipos de preconceito em seu cotidiano e como se posicionar diante delas. Por exemplo:

“Muito legal essa coisa de grupo, mas eu consigo fazer as coisas sozinho, não preciso de ninguém, muita gente só atrapalha”.

R: “Eu entendo que você consegue fazer as coisas sozinha/o, porém, é importante participar de grupos para desenvolver outras habilidades e também para que certos fardos não fiquem tão pesados. No grupo você pode encontrar novas formas de construir vínculos, exercitar a empatia e crescer como pessoa”.

“Não gosto de grupos, não vou ficar perto de gay!” (ou lésbicas, pessoas trans, pessoas negras, mulheres, etc).

R: “Isso é preconceito. Por que (separado) você não vai? Existe algum motivo específico para não ir? Você se acha superior em relação a essa pessoa? De onde você tirou isso? Todas as pessoas têm os mesmos direitos e podem realizar as mesmas atividades”.

“Se juntar a um grupo é perda de tempo, coisa de vagabundo!”

R: “Por que seria coisa de vagabundo? Muitas vezes as pessoas participam de grupos para se organizar e lutar pelos seus direitos. Muitos direitos que temos acesso hoje se devem a pessoas que se mobilizaram em grupos e lutaram coletivamente para que os tenhamos”.



“Não quero participar daquela atividade com aquela pessoa negra”.

R: “Você sabia que isso é racismo¹⁰? Você sabia que racismo é crime? O racismo é uma forma de violência que tem por base a noção de que uma raça é superior a outra raça. Este tipo de violência pode ser em relação a questões raciais, cor da pele ou características físicas associadas a uma raça vista como inferior e tem como finalidade a eliminação de direitos humanos de determinado grupo racial. Em nosso contexto, o racismo violenta diariamente pessoas negras e isso acarreta em injustiças, dores emocionais, diminuição da autoestima e diversas outras consequências que afetam brutalmente as pessoas negras”. [Resposta com base na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989]

“Nossa, aquela pessoa é muito gorda! Parece uma baleia!”

R: Não tem problema nenhum ser uma pessoa gorda. Ser uma pessoa gorda não é algo ruim, por isso, criar nomes pejorativos é uma forma de preconceito. Os corpos podem existir de diversas formas e não respeitar o direito do outro ser o que ele é pode gerar muitos problemas para a própria pessoa, como por exemplo, prejudicar sua autoestima. Muitas vezes acreditamos que ser magra é melhor e mais saudável, pois isso acaba sendo o corpo padrão, ou seja, aquele corpo que acreditamos ser mais aceito, saudável e bonito. Porém, ser uma pessoa gorda não é um problema e nem sinônimo de ser doente”.

“Eu não tenho preconceito. Isso é apenas a minha opinião”.

R: Se a sua opinião limita a liberdade de outra pessoa ela é um preconceito. Quando você tem preconceito em relação a alguma pessoa, por exemplo, você se limita a entender e aprender com ela, ou seja, você não dá oportunidade para conhecer outra pessoa e se mantém fixo em uma ideia pré-concebida que restringe a sua visão de mundo e fere o direito da outra pessoa existir e viver longe de preconceitos.

¹⁰ Para saber mais sobre a discussão de Racismo, vá para o Volume 4 - *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*



COMO FAZER UM FANZINE

Depois de conversar sobre assuntos tão importantes, que tal transformar isso em um material que pode virar uma campanha comunitária, um diário, um jornal informativo ou mesmo algo que seja possível trocar com outras pessoas? O Fanzine funciona como uma ferramenta que possibilita a expressão de sentimentos, opiniões e até o debate de assuntos através de textos, imagens e colagens e apresenta um outro método para discussões e para o exercício da criatividade.

Concretizar a imaginação e o pensamento em forma de Fanzine pode ser bastante interessante uma vez que ele poderá circular tanto dentro, quanto fora da escola.

A nossa proposta é incentivar as/os alunas/alunos a confeccionarem seus Fanzines ao final de cada volume da Caixa de Ferramentas ou quando você achar necessário (por exemplo, quando você quiser incentivar a turma a debater mais sobre determinado assunto, etc). Para fazer o Fanzine é necessário papel A4, tesoura, cola, canetas coloridas, revistas ou jornais e colocar suas ideias no papel!

1 - Dobre o papel ao meio ao comprido (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hamburger)

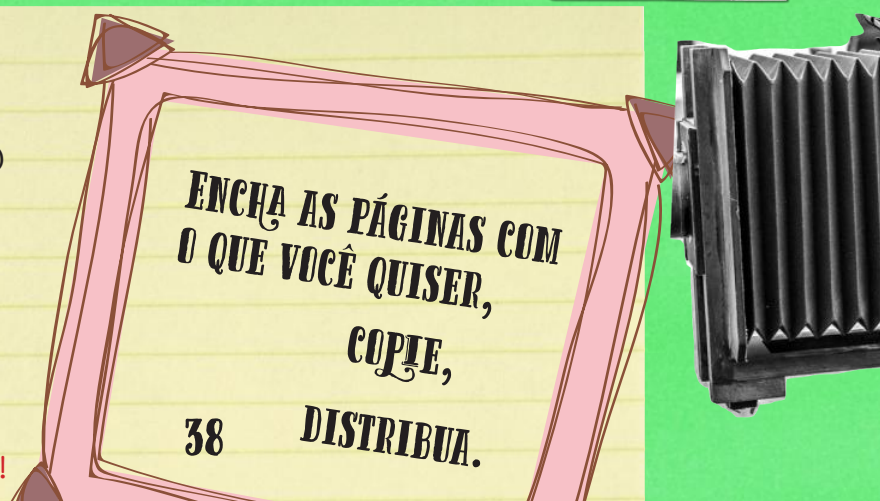
3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

4 - Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares

5-Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte ao longo entre os dois pontinhos demarcados. (fig A)

6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)
7 - Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)

8 - Eis o seu ZIIINE!



MATERIAIS:

- papel A4
- estilete

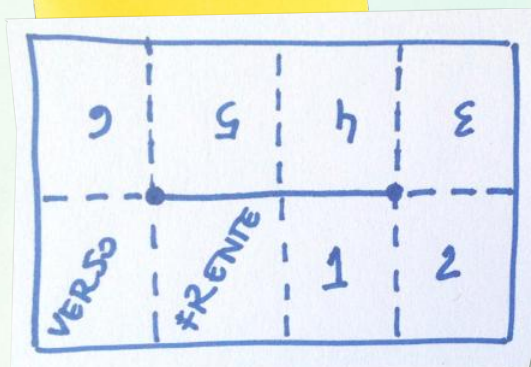


FIG. A

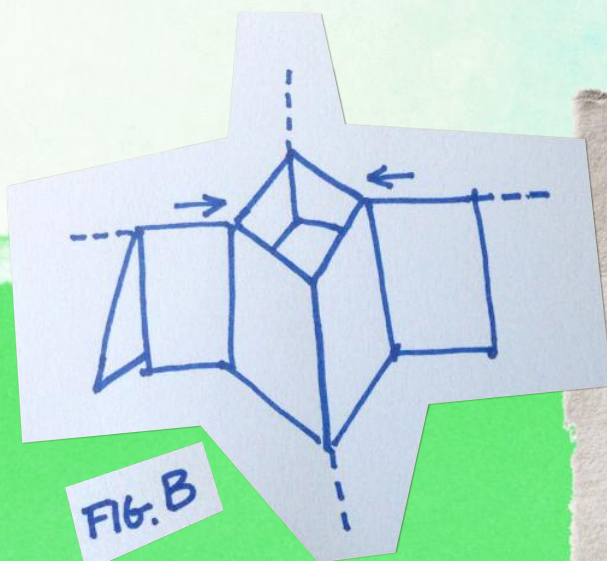


FIG. B



**CRIANDO UMA
CAMPANHA
COMUNITÁRIA**

Objetivo: Despertar a capacidade de reflexão e mobilização coletiva sobre questões importantes para a comunidade.

Tempo recomendado: mínimo de 6 horas (veja nas dicas para planejamento - inserir a pagina onde estão essas dicas!)

Materiais necessários: cartolinas ou papel pardo para cartaz, lápis e canetas coloridas, tesouras, colas, revistas velhas.

Dicas para planejamento: O período necessário para realizar esses passos irá depender dos recursos disponíveis e pode levar semanas. É desejável que as pessoas que são o público-alvo da campanha possam participar do planejamento também. Isso gera uma campanha mais próxima, eficaz e mobiliza mais as pessoas.

Passo a passo:

- Nessa atividade, vamos pensar no tema da prevenção de violência contra crianças e adolescentes com a perspectiva de gênero.
- O primeiro passo é fazer uma avaliação de necessidades: reunir o grupo para refletir sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos que influenciam ou produzem vulnerabilidade à violência de gênero de crianças e adolescentes. Estas informações podem ser obtidas por levantamento de pesquisas no local ou até mesmo por um grupo de debates com o público da campanha. Podem ser feitas perguntas como:
 1. Como são os comportamentos de homens e mulheres em seus relacionamentos?
 2. O que homens e mulheres entendem por um relacionamento com base na igualdade?
 3. Quais são os principais obstáculos que enfrentam para terem relações baseadas no respeito?
 4. Quais são as expectativas dos homens e seus medos?
 5. Como são tratadas as meninas na escola/comunidade/entorno?
 6. Quais são suas expectativas, sonhos, medos?
 7. Que informações são necessárias para a prevenção da violência de gênero de crianças e adolescentes?

Depois de levantadas essas informações, é importante focalizar, isto é, definir com mais detalhes o perfil “típico” do público que a campanha pretende alcançar. Uma técnica útil para definir as características do público é a de criar um perfil de personagem. Veja se as perguntas abaixo são pertinentes para o público com que você está trabalhando. Peça que imaginem uma ou mais pessoas com quem a campanha irá se comunicar de acordo com essas perguntas:

1. Qual seu nome?
2. Que idade tem?
3. Onde vive?
4. Trabalha?
5. Estuda?
6. Como se veste?
7. Quem são seus amigos?
8. O que faz para se divertir?
9. O que deseja ser? Quais obstáculos encontra?
10. Que tipo de música escuta?
11. Como conhece ficantes/namoradas/os?
12. Que tipos de meninas/os prefere?
13. Está ficando ou namorando com alguém? Fale sobre essa pessoa (Quem é? O que faz? Como conheceu?)
14. Como é tratado/a pela/o namorada/?
15. O que as/os amigas/os acham da relação?
16. O que as/os familiares acham da relação?
17. Como se sente na relação?
18. O que pensa da escola?
19. O que forma suas atitudes e opiniões?
20. Trabalha? O que faz no dia-a-dia?
21. Que espaços frequenta?
22. Quais são seus ídolos?
23. Como busca informações?
24. Com quem conversa sobre sexo?
25. Sofre algum tipo de violência?
26. Comete algum tipo de violência?
27. Que preconceitos tem?
28. O que gostaria de mudar no meio em que vive?
29. O que poderia fazer para mudar isso?
30. O que fazer para evitar violências?
31. Como se imagina daqui a 5 anos?

De acordo com o perfil, vocês poderão criar estratégias e mensagens que se comuniquem com mais eficiência com o grupo. Desenvolver mensagens é o passo que geralmente requer mais tempo e criatividade.

As mensagens de campanha que são positivas e orientadas à ação costumam ser mais atraentes e inspiradoras que aquelas que culpam as pessoas e/ou enfocam somente as consequências negativas.

Depois de fazer o perfil, vocês podem mapear as influências e informações que as pessoas recebem sobre o tema da violência de gênero. O passo seguinte é o de definir quais mídias (ex.: rádio, revistas, "outdoors", cartazes, redes sociais) e canais sociais (ex.: amigas/os educadoras/es, celebridades locais) seriam mais estratégicos para alcançar o público com mensagens sobre modelos positivos, que promovem a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes. Se tiver pouco dinheiro ou dinheiro nenhum para campanha, é preciso usar bastante a criatividade para alcançar as pessoas. Um passo importante é buscar parceiros que podem apoiá-lo, mas antes você precisa convencê-las/os sobre o apoio da mobilização de todos pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Dica: A campanha deve ir além da simples oferta de informações, mas tratar de normas e percepções relacionadas a comportamentos e assim permitir uma reflexão individual e coletiva sobre o tema.

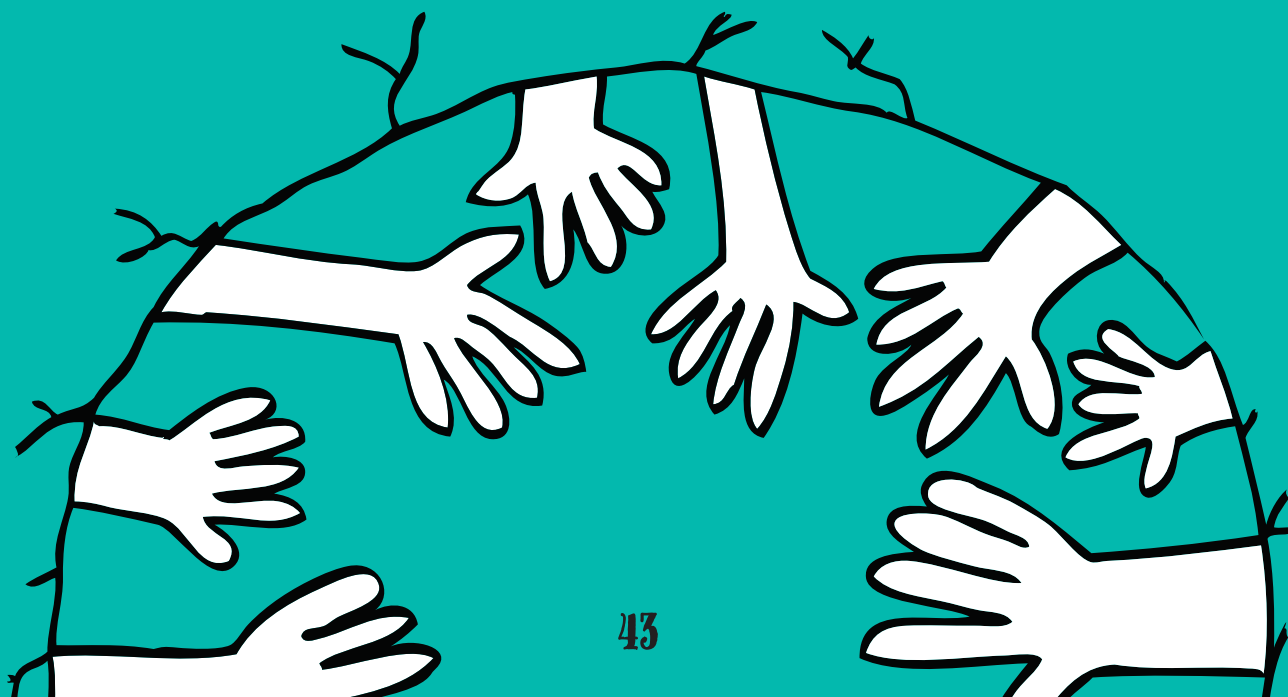
Se quiser conhecer exemplos de algumas campanhas dê uma olhada nesses links:

<http://promundo.org.br/recursos/sem-vergonha/>

<http://promundo.org.br/2014/11/13/brincar-ajuda-jovens-e-pais-a-dialogarem-sobre-sexualidade/>

<http://promundo.org.br/2014/06/18/nao-e-curticao-e-exploracao/>

<http://promundo.org.br/recursos/voce-e-meu-pai/>



DICAS

Sites para visitar:

<http://soscorpo.org/publicacoes/series/>

Filmes para assistir:

AS SUFRAGISTAS

Direção: Sarah Gavron, 2015

Sinopse: Inspirado no movimento sufragista do final do século XIX e início do XX, na Inglaterra, o drama "As Sufragistas" retrata a vida de um grupo de mulheres que resistia à opressão de forma passiva, sendo ridicularizadas e ignoradas pelos homens. A partir do momento em que começam a encarar uma crescente agressão da polícia, elas decidem se rebelar publicamente. Um dia, após sair da lavanderia em que trabalha, Maud se assusta com o caos de um protesto e acaba reconhecendo uma companheira de trabalho entre os manifestantes. A partir desse momento, a personagem decide reivindicar seus direitos como mulher e a lutar por sua dignidade

EDUKATORS

Direção: Hans Weingartner, 2004

Sinopse: A narrativa do filme gira em torno de três jovens: Jule, Jan e Peter. Os três são anti-capitalistas e desejam transformar o mundo. Eles se auto-denominam "Os Educadores" e demonstram sua indignação com as mazelas sociais de forma pacífica: invadindo mansões, trocando todos os móveis da objetos das casas de lugar e espalhando mensagens de protesto.

THE HUNTING GROUND (DOCUMENTÁRIO)

Direção: Kirby Dick, 2015

Sinopse: Documentário sobre os inúmeros casos de estupro nos campus universitários americanos, explorando os problemas com as administrações dessas instituições, que se preocupam mais encobrir os fatos do que resolvê-los. Com depoimentos de vítimas, um retrato de como as pessoas que sofrem esse tipo de violência lutam por justiça e educação, apesar da frequente retaliação e assédio com as quais são obrigadas a conviver.

V DE VINGANÇA

Direção: James McTeigue, 2005

Sinopse: No Reino Unido, sob o pretexto de vários atos terroristas, um governo totalitário é eleito para o Parlamento, o qual é comandado pelo chanceler Adam Sutler, que promete para salvar o país dos terroristas. O único problema é que o povo deve dar boa parte de sua liberdade para obter um pouco de segurança. O governo logo se torna cruel, corrupto e opressivo. Impulsionado por uma vingança pessoal, um misterioso indivíduo que se esconde atrás de uma máscara e se identifica apenas como V chega para assumir a causa da liberdade. Ele usa uma máscara de Guy Fawkes para cobrir o rosto e tem grandes habilidades com facas.

VEM DANÇAR

Direção: Liz Friedlander, 2006

Sinopse: Pierre Dulaine é um dançarino de salão profissional, que se torna voluntário para dar aulas de dança em uma escola pública de Nova York. Ele tenta apresentar seus métodos clássicos, porém logo enfrenta resistência dos alunos, mais interessados em hip hop. É quando deste confronto nasce um novo estilo de dança, mesclando os dois lados e tendo Pierre como mentor.

Leituras complementares:

ARILHA, Margareth; LEITE, Osmar; ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia; SIMONETTI, Vera. **Projeto H: sexualidade e saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Salud y Género; International Planned Parenthood Federation Western Hemisphere Region (IPPF/WHR), 2001. (Caderno 1; Série Trabalhando com homens jovens).

Disponível em: <http://promundo.org.br/wpcontent/uploads/sites/2/2014/12/Programa-H-Trabalhando-com-Homens-Jovens.pdf>

Barros Regina Benevides de. **Grupos: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina; 2007.

BARROS, R. D. B. Benevides de Barros,R; VAISSMAN, J.. **Drogas, indivíduo e família: um estudo de relações singulares**. 1999. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública.

BARROS, R. D. B. Benevides de Barros,R ; BENEVIDES, R.. **Dispositivos em Ação: O Grupo**. In: BARROS, R./PASSOS, E./JOSEPHSON,S./ABBES,C./RAUTER,C./EIRADO,A.. (Org.). Saúde e Loucura 6 – Subjetividade – Questões Contemporâneas. 1ªed. Sao Paulo: HUCITEC, 1997, v. , p. 183-191.

BEZERRA JR., B. **Grupos: cultura psicológica e psicanálise**. In: LANCETTI, A. Saúde loucura: grupos e coletivo.São Paulo: Hucitec, 1993. p. 131-144.

JUCA, Vlória Jamile dos Santos et al . **Atuação psicológica e dispositivos grupais nos centros de atenção psicossocial**. Mental, Barbacena , v. 8, n. 14, p. 93-113, 2010 .

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jul. 2016.

POCAHY, Fernando Altair. **A pesquisa fora do armário: ensaio de uma heterotopia queer**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, UFRGS, 2006.

PROGRAMA M: trabalhando com mulheres jovens – empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; Salud y Género; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Instituto PAPAI; World Education, 2008.

Disponível em:<http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Programa-M-Trabalhando-com-Mulheres-Jovens.pdf>.

SERVIÇOS:

REDE DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A escola é uma instituição que faz parte da rede de proteção e garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Esta rede é composta não só pela Educação, mas também por outras instâncias e serviços dos campos da Saúde, Justiça, Assistência Social, Esporte e Lazer, e Cultura.

Muitas vezes quando pensamos em um funcionamento em rede, imaginamos os serviços funcionando em uma estrutura pronta, esperando serem acessados, com todos os seus procedimentos pré-definidos, desde a porta de entrada até as medidas e os encaminhamentos cabíveis. No entanto, na prática as/os profissionais da Educação, percebem que o trabalho em rede é tecido por pessoas, se apresentando a cada contato, estando sempre em construção. O trabalho requer um investimento permanente que não se esgota no primeiro contato, mas na medida em que se trilha este caminho, o mesmo vai ganhando concretude. Cada situação é singular e, dado o contexto, a leitura dos sujeitos envolvidos vai delineando o caminho a ser construído.

É importante, sempre que possível, no surgimento de uma situação de violência ou violação, ter uma postura atenta e cuidadosa, buscando uma conversa prévia com os parceiros para a realização de possíveis encaminhamentos com objetivo de discutir a situação construindo linhas de cuidados (pertinentes a cada parceiro) esclarecendo aspectos importantes da situação. É neste contexto inicial que se começa a tecer a própria rede de proteção para cada caso. O encaminhamento por si só não garante a continuidade no acompanhamento, sendo necessário manter o diálogo permanente sobre as situações. Muitas vezes isso gera certas tensões, que podem estar relacionadas ao modo como cada instituição entende ou pode oferecer determinado cuidado. A noção de cuidado é bastante ampla, não correspondendo muitas vezes ao nosso referencial acerca do que seja cuidar, ou ainda, pode acontecer em um tempo diferente do que possamos supor como ideal. É importante entender que essas diferenças fazem parte de um trabalho em rede.

Muitos serviços já estão acostumados a receber profissionais da educação para discutir casos que precisam ser acompanhados em rede e definir coletivamente as ações. Muitas são as maneiras disso acontecer, na saúde, por exemplo, existem fóruns territoriais e supervisões de território (reuniões que envolvem vários parceiros), além da possibilidade de se marcar uma discussão específica.

Frente a situações de violência/violação de direitos de crianças e adolescentes, qualquer profissional da escola, pode buscar os seguintes parceiros que compõem a Rede de Garantia de Direitos:

NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO:

- Coordenadoria Regional de Educação – Instituição responsável pela orientação e acompanhamento das escolas.
- Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) – Trabalho realizado por Assistentes Sociais, Psicólogas/os e Professoras/es com objetivo de contribuir para o fortalecimento das equipes das Unidades Escolares de modo que se reconheçam e se consolidem como parte da rede de proteção à criança e ao adolescente.

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade de atendimento socioassistencial de famílias. É o principal equipamento da Proteção Social Básica materializando a política de assistência social.
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) – Segue as normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), funcionando como pólo de referência das ações de Proteção Especial de Média e Alta Complexidade e tem como foco fortalecer e potencializar as ações em benefício das famílias em situação de vulnerabilidade social.

NO ÂMBITO DA SAÚDE:

- CAPSi – Centro de Atendimento Psicossocial da infância e adolescência: Serviço de saúde mental voltados para o atendimento de crianças e adolescentes, composto por equipe interdisciplinar
- Equipes de Estratégia de Saúde da Família: a porta de entrada é a atenção básica.
- Hospital Geral – Em caso de emergência de saúde.
- Postos e Clínica da Família – Atendimento ambulatorial

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

Conselho Tutelar da área – É um órgão autônomo para garantia de direitos da criança e do adolescente. É constituído por uma equipe técnica de psicólogas/os, assistentes sociais e pedagogas/os, além das/os conselheiras/os, que estão aptas/os a receber as/os profissionais da escola.

Indicamos duas ferramentas que estão disponíveis para uso público em casos de violação de direitos, tais como: O aplicativo **Proteja Brasil**, que localiza os serviços de encaminhamento próximo de quem o está utilizando, além de trazer informações pertinentes sobre os diferentes tipos de violação e o **Disque 100**, que é uma possibilidade de comunicação anônima de denúncia e/ou pedido de ajuda.

Em anexo neste volume (página 59) pode encontrar uma lista de contatos de diversos serviços de assistência aos quais pode recorrer e que pode inclusive compartilhar com seus colegas e alunos, ou mesmo afixar na sua sala de aula, espaço de oficina ou outro local com boa visibilidade para que mais pessoas tenham acesso a essa informação.

**EU SOU,
TU ÉS, NÓS
SO(MA)MOS.**



FECHAMENTO

A discussão e todas as atividades deste volume estão relacionadas com as temáticas de coletividades. Porém, isso não quer dizer que este tema pode ser abordado completamente isolado de outras questões. A escolha por essa abordagem foi para manter a discussão didática, leve e flexível. Nos demais volumes você poderá encontrar outras discussões, como também poderá articular vários temas ao mesmo tempo.

Caso você queira ler sobre as expectativas que são criadas para os seres humanos, vá para o Volume 2: *O que esperam de nós?*. Se você quiser dar uma olhada no que falamos sobre temas que dizem respeito a comunicação e relacionamentos, vá para o Volume 5: *Comunicação e Relacionamentos*.

Não deixe também de explorar o Volume 4: *Poder, Relacionamentos e Violência(s)* e o Volume 3: *Diversidade(s)*.

E aí? Quais são suas expectativas depois de passear por esse material? Você acha que é possível construir novas expectativas?

Nós sabemos que não é nada fácil fazer construir uma nova concepção acerca do mundo e como é difícil transformar a sociedade visando relações mais igualitárias entre as pessoas. Porém, este é o desafio das desconstruções: tentar reinventar-se e dar um empurrãozinho na reinvenção da sociedade. Afinal, toda a mudança começa por nós mesmas/os.

Fazer um novo passeio em um lugar não tão comum, um lugar que não estamos habituadas/os a estar pode ser interessante e transformador. Siga em frente, você não está sozinha/o!

GLOSSÁRIO

Abuso sexual de crianças e adolescentes - É a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto, com intencionalidade sexual. O abuso sexual acontece com ou sem o uso de violência física, através de sedução, chantagem, ameaça ou mentiras, baseada numa relação desigual. Consiste em um ato ou jogo sexual em que o/a autor da violência está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. Geralmente, este adulto tem uma relação de afeto, confiança, parentesco e autoridade com a criança ou adolescente, o que, muitas vezes, faz com que a vítima se cale e obedeça aos pedidos feitos pelo/a abusador/a. Ocorre em lugares considerados mais seguros, como casa, escola e igreja.

Além das formas de abusos COM contato físico (carícias, tentativas de obter relação sexual, masturbação, sexo oral, vaginal ou anal), há aquelas SEM contato físico. Aqui lembramos de práticas de abuso sexual que, às vezes, não são reconhecidas¹¹:

- **Voyerismo** - Ato de observar relações ou órgãos sexuais de outras pessoas quando elas não desejam ser vistas, no qual o/a observador/a obtém satisfação sexual com essa prática.
- **Exibicionismo** - Ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a crianças ou adolescentes ou dentro do campo de visão deles.
- **Abuso sexual verbal/telefonemas obscenos** - Pode ser definido por conversas sobre relações sexuais destinadas a despertar o interesse sexual da criança ou adolescente.

Assédio sexual - Caracteriza-se pelo ato de uma pessoa, que tenha um cargo ou uma posição superior, constranger outra pessoa a prestar favores sexuais. Manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas e pressão para ter relações sexuais sem que o outro deseje, mas que, no entanto, se sinta constran-

¹¹ Fonte: BRASIL. SDH. MEC. Guia escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: SDH e MEC, 2004, p.30. Disponível em: http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Publicacoes/Guia_Escolar.pdf

gido em reagir ou se defender por se encontrar em uma posição ou cargo inferior ao do/a agressor/a.

Bissexualidade – Atração afetiva e/ou sexual por pessoas de ambos os gêneros.

Cisgênero – É o termo utilizado para se referir às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Isto significa que, se uma pessoa foi marcada como mulher no nascimento e se ela se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero¹².

Coação sexual – Ato de pressionar uma pessoa para obter favores sexuais ou qualquer conduta física ou verbal de natureza sexual.

Construção social – É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras empreendidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais, quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

Contracepção de emergência – Contracepção de emergência é um recurso contraceptivo feito à base de doses de hormônios que impedem a ovulação, a fecundação do óvulo pelos espermatozoides e a implantação do óvulo no útero, impedindo o início da gravidez. A contracepção de emergência não é um método abortivo e precisa ser feita até 72 horas após a relação sexual. É um recurso emergencial que pode evitar uma gravidez não planejada.

Desigualdade – Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associada a ideia de injustiça.

Desigualdade social – Considera que existem processos relacionais na sociedade que têm o efeito de limitar ou prejudicar o status de um determinado grupo, classe ou círculo social, não se verificando um equilíbrio no padrão de vida dos seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros. A desigualdade social é uma porta para outros tipos de desigualdades, como a desigualdade de gênero, desigualdade racial, desigualdade regional, entre outras.

Desigualdade de gênero – A questão da desigualdade entre homens e mulheres é um fator histórico. É possível perceber que desde a Antiguidade a mulher é tratada como ser inferior ao homem devido a diversas crenças religiosas que legitimavam tal perspectiva e que permeavam os costumes sociais. Apesar das mulheres cada vez cada vez mais se posicionarem em cargos de chefias em diversas empresas do Brasil e do mundo, assumindo e reafirmando sua posição social, na grande maioria dos casos, elas possuem uma jornada dupla de trabalho, na qual trabalham fora e, além disso, devem também trabalhar em casa. Este tipo de naturalização se configura como uma grande desigualdade.

12 Ver Pessoas Trans

Desigualdade racial – Toda e qualquer disparidade socioeconômica sistemática e persistente com base na raça ou cor de pele não-branca com mecanismos de sustentação através do tempo. No caso brasileiro, a desigualdade racial tem origem no regime de escravidão e perdura até os dias atuais por meio da exploração por parte de pessoas brancas em relação a pessoas negras e indígenas. Essa desigualdade se reflete no acesso a bens, serviços, oportunidade e como as relações sociais se estabelecem.

Diferença – Caráter que distingue um ser de outro ser, seja no todo ou em algum aspecto particular. As diferenças podem ser visíveis através dos sentidos ou serem detectadas por questões simbólicas, não sendo desejável que sejam eliminadas. Vale lembrar que a diferença em nosso contexto social pode promover desigualdade.

Discriminação – Discriminar significa “fazer uma distinção”. O significado mais comum tem a ver com a discriminação sociológica, baseada em alguma característica da pessoa: a discriminação social, racial, política, religiosa, sexual, idade, entre outros.

Discriminação racial – Discriminação racial é um conceito que normalmente é confundido com racismo (e que o abarca), mas se trata de conceitos que não necessariamente coincidem. Enquanto o racismo se baseia na superioridade de uma raça ou etnia em relação à outra, a discriminação racial é um ato que, embora esteja fundado em uma perspectiva racista, nem sempre o está. Ou seja, é preciso deixar explícito que a discriminação racial positiva (quando as discriminações têm como objetivo garantir a igualdade das pessoas afetadas) constitui uma maneira de discriminação cujo objetivo é combater o racismo. Exemplo disso são as cotas universitárias para pessoas negras.

Educação de pares – É a troca de saberes entre semelhantes, ou seja, entre pessoas ou grupos que têm o mesmo perfil e compartilham as mesmas vivências, o que facilita o intercâmbio de conhecimentos e práticas.

Empoderamento – Palavra que vem do inglês “empowerment”, utilizada em movimentos sociais, para falar do processo de conquista, avanço e superação por parte de um grupo ou indivíduo, sujeito ativo do processo, que vivia uma situação de opressão.

Equidade de gênero – Processo de justiça entre as relações de gênero. Processo que leva à igualdade, através de medidas que compensam as desvantagens sociais e históricas e consideram as diferentes necessidades para que homens e mulheres possam gozar do mesmo status e tenham condições de alcançar suas aspirações.

Estereótipos - Generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando que elas trabalham, que não necessariamente se casam e querem ter filhos, e que têm vida social ativa. Outro é representar os homens sempre como chefes de família e incapazes de cuidar dos/as filhos. Os estereótipos de gênero apresentam as diferenças entre o comportamento de homens e mulheres como se fossem qualidades e fraquezas inerentes a cada gênero, ou seja, de nascença, de natureza.

Estigma - No contexto social, o estigma é considerado um processo de desvalorização, produzindo e reforçando desigualdades sociais já existentes, tais como aquelas relacionadas a raça, classe, gênero e orientações sexuais.

Estupro - Um ato violento que utiliza da força como meio de impor uma relação sexual não consentida. A pena de reclusão varia de 6 a 10 anos de prisão.

Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA) - É o ato de submeter crianças e adolescentes à relações sexuais não consentidas visando remuneração ou troca de favores, que podem ser direcionados à própria criança ou adolescente, à sua família ou ainda aos agenciadores deste tipo de trabalho sexual. Esta violência abarca: a exploração, o comércio do sexo, a pornografia infantil ou a exibição de espetáculos sexuais públicos ou privados.

Feminilidade - Se refere às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura como associados ou apropriados a mulheres.

A feminilidade nos homens tal qual a masculinidade nas mulheres, é normalmente considerada negativa por agir contra os papéis tradicionais. Um estereótipo comum para homens homossexuais é de que são afeminados, em que exageram em comportamentos femininos.

Feminismo - É um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, que se começou a popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX a partir da luta pela regulamentação do voto feminino.

O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento sexista, ou seja, que defende a figura da mulher sobre o homem, mas sim uma luta pela equidade entre ambos os gêneros. Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas, existindo homens que partilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Gay - Homem que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens e se reconhece como tal.

Gênero - Refere-se aos comportamentos, atitudes, crenças, papéis relacionados ao que é ser homem ou mulher, aprendidos através da família, dos amigos, instituições culturais e religiosas, meios de informação, enfim, através de todas as relações estabelecidas pelos indivíduos.

Heterossexualidade – Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero oposto.

Homofobia – É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade. Pode também incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. O termo homofobia pode estar relacionado a homens gays e a mulheres, sendo que para mulheres lésbicas costuma-se utilizar lesbofobia por questões de visibilidade.

Homossexualidade – Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero.

Homossexuais – Homens ou mulheres que possuem atração sexual ou afetiva por pessoas do mesmo gênero. O movimento de mulheres *lésbicas* prefere utilizar o termo *lésbica* para dar mais visibilidade a esse grupo e suas particularidades.

Igualdade de gênero – Significa que qualquer pessoa, independentemente do gênero com o qual se identifica goza do mesmo status, ou seja, compartilhar das mesmas oportunidades e condições para realizar os seus direitos e potenciais humanos e contribuir com todas as esferas da sociedade (econômica, política, social e cultural) e se beneficiar delas.

Interseccionalidade – É um conceito/prática que funciona como uma ferramenta que leva em consideração a existência de várias experiências que passam por subordinações das quais uma pessoa pode estar sujeita ao mesmo tempo, demonstrando que as opressões não são independentes, mas inter-relacionadas.

Intersexual¹³ – Pessoas que podem ter características sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que podem dificultar a identificação de uma pessoa como totalmente mulher ou homem. É comum que as pessoas acreditem que devam ser feitas cirurgias “reparatórias” em crianças intersexuais, contudo, é necessário destacar que a intersexualidade tem a ver como você se percebe em relação ao seu gênero, ou seja, é a própria pessoa intersexual que deve escolher seu gênero.

Lésbicas – Mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres.

LGBTI – Movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais.

Machismo – É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja, é a ideia errônea de que os homens são “superiores” às mulheres.

O machismo está impregnado nas raízes culturais da sociedade há séculos, tanto no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e no núcleo familiar, este último apoiado em um regime patriarcal onde a figura masculina representa a liderança.

¹³ Para saber mais: <http://transfeminismo.com/dez-ideias-falsas-sobre-pessoas-intersexo/>

Misoginia – Ódio ou aversão às mulheres

Opressão – Efeito negativo experimentado por pessoas que estão em uma posição de subjugação na sociedade ou em um grupo social.

Orientação sexual – É a atração que temos por uma ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo, como sexual. Os seres humanos podem, legitimamente, se interessar pelo gênero oposto, pelo mesmo gênero ou ainda por ambos os gêneros. Serão respectivamente heterossexuais, homossexuais (gays e lésbicas) ou bissexuais.

Preconceito – Um conceito elaborado antes mesmo de uma constatação dos fatos. Utiliza-se de características encaradas como universais, buscando atribuí-las a todo e qualquer sujeito. Porém, quando isto não ocorre, a pessoa é vista de forma negativa, podendo chegar a ser excluída de espaços.

Pornografia infantil – Produção, reprodução, direção, fotografia, filmagem ou registro, por qualquer meio, de cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente. A pena de quatro a oito anos de prisão e multa, atinge também quem agencia, facilita, recruta, coage, contracenar ou de qualquer modo intermedia a participação de criança ou adolescente nesse tipo de situação.

Racismo – É um ato de discriminar as pessoas baseado na raça ou cor da pele e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressivo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas e/ou psicológicas à “raça” e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Historicamente o racismo tem servido para justificar uma série de genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

Rede de proteção – União de pessoas, entidades e serviços em prol da garantia dos direitos da criança e do adolescente. A família, a escola e a comunidade podem atuar de modo conjunto e complementar a fim de proteger a criança.

Sexo – Refere-se aos atributos e características biológicas (genitália).

Sexualidade – É a expressão dos nossos sentimentos, pensamentos e desejos que incluem a atração afetiva/sexual por outras pessoas.

Socialização – É o processo pelo qual o ser humano aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, podendo corresponder as normas do contexto social em que vive ou passar por sanções/constrangimentos ao rejeitar a imposição de certas normas sociais.

Tráfico de crianças e adolescentes – Essa prática criminosa promove a saída ou entrada de crianças e adolescentes do território nacional, estadual ou municipal para inseri-las no mercado do sexo. Em 2004, o Brasil tornou-se signatário do Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança relativos à Venda de Crianças e Pornografia Infantil. Um ano depois o País incluiu no Código Penal o artigo 231-A, passando a tipificar como crime o tráfico interno de pessoas para fins sexuais.

Tráfico de mulheres – São as atividades que envolvem o recrutamento e o deslocamento para trabalhos ou serviços, dentro ou fora das fronteiras nacionais, por meio de violência ou ameaça de violência, abuso de autoridade ou posição dominante, cativo por dívida, fraude e outras formas de coerção. O tráfico de pessoas tem como o objetivo a exploração, trabalhos forçados, servidão doméstica, escravidão ou práticas similares à escravidão ou, ainda, a doação involuntária de órgãos para transplante.

Transfobia – É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra pessoas trans.

Pessoas Trans¹⁴ – São pessoas que não estão de acordo com o gênero indicado no nascimento. Ou seja, de uma forma geral o médico anuncia antes mesmo do nascimento se será uma menina ou um menino. Uma pessoa trans não está de acordo com gênero que lhe foi atribuído. Por exemplo, se ao nascer o gênero indicado foi masculino, mas ao crescer esta pessoa entende-se como mulher, trata-se de uma mulher trans. O movimento de travestis e transexuais no Brasil conseguiu conquistar alguns direitos nos últimos anos, como por exemplo, a Portaria MS nº 1.820 para o uso do nome social no SUS. Contudo, uma das maiores lutas desse movimento é pelo fim da patologização das identidades trans. É importante destacar que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans e a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, sendo que uma pessoa que não é trans tem expectativa de 78 anos.

Durante muito tempo houve uma forte diferenciação entre travestis e transexuais, atribuindo as pessoas transexuais uma ideia de que todas gostariam de fazer cirurgia de redesignação sexual, entre outras coisas. Contudo, hoje o movimento de travestis e transexuais, além do movimento transfeminista, entende que cada pessoa deve identificar-se da forma que quiser, não impondo uma diferenciação entre travestis e transexuais do ponto de visto médico ou psicológico.

Violência – É um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode ferir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso de força contra uma pessoa.

Violência doméstica contra crianças e adolescentes – Fenômeno que ocorre dentro da família, caracterizado por maus-tratos ou abuso (físico, psicológico, sexual e trabalho infantil doméstico) e negligência, tendo o ambiente familiar como local de práticas violentas.

Violência psicológica – Inclui humilhação, ameaça, insulto, como por exemplo, pressionar o/a parceiro/a, além de expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades. É a forma de violência mais difícil de ser identificada.

14 Ver Cisgênero

Violência física – Uso da força física contra alguém. Pode incluir ações como bater, dar um tapa, empurrar, etc.

Violência institucional – É resultante da falta de acesso aos serviços necessários que as pessoas que vivenciam situações de violência têm direito. Pode se caracterizar também pela má qualidade ou inadequação do atendimento desses serviços, que representa mais uma agressão a pessoas que buscam assistência depois de serem agredidas.

Violência moral – Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Violência patrimonial – Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

Violência sexual – É qualquer ato sexual não consentido ou a tentativa de obtê-lo por meio da intimidação psicológica, emocional ou força física. Considera-se violência sexual, também, qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade; que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez ou ao aborto, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; limitando ou anulando o exercício de seus direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Virilidade – Culturalmente, o estereótipo de virilidade está relacionado com o comportamento masculino; seja sexualmente, psicologicamente ou fisicamente. Dessa forma, o homem viril, musculoso, com aparência peluda, com voz grave e um forte desempenho sexual permanecem como um modelo de homem ideal.

Vulnerável – Trata-se da designação de “grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania”. Segundo o artigo 217 A – Lei nº 12.015/09, vulnerável é o conjunto de pessoas que por questões ligadas a gênero, idade, condição social, deficiência, orientação sexual, raça, regionalidade, religião, entre outras, tornam-se mais suscetíveis à violação de seus direitos.

Vulnerabilidade social – Diz respeito às situações de menos privilégios sociais. Podemos perceber, por exemplo, os aspectos em nossa sociedade que podem funcionar como uma barreira à prevenção e ao autocuidado: nem todos os/as jovens têm acesso à informação e a serviços de saúde específicos; as mulheres ainda têm muita dificuldade para negociar o uso da camisinha com seus parceiros; a divulgação da distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos é insuficiente, como também, há o estigma sobre quem busca por estes métodos contraceptivos; o número de programas de prevenção e de atendimento a adolescentes vítimas de violência ainda é muito pequeno.

ALGUNS SERVIÇOS DE APOIO NO RIO DE JANEIRO:

NAVIS – Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência

Rua dos Inválidos 152 – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: 3399-3837 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 9h às 18h; sábado de 9h às 17h

NÚCLEO ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA (NUDEM)

Av. Marechal Câmara 314/térreo – CEP 20020-080 | Telefone: (21) 2299-2272 | Referência: Perto da Santa Casa | Atendimento: 1º atendimento 2ª e 5ª feira M/T

Linha 180 – Central de Atendimento à Mulher – Serviço Nacional

Ligue: 180

O número 180 é uma linha telefônica a nível nacional criada pela Secretaria Especial de Política para as Mulheres (SPM) do Governo Federal. Este número pode ser acessado em todo território nacional.

Disque Mulher

Telefone: (21) 2299-2121 | Atendimento: de 2ª a 6ª feira de 9 às 17h

Ouvir Mulher (RJ)

Telefone: (21) 2503-4622 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 8h às 17h

Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Estado do Rio de Janeiro (DEAM)

Todas as DEAMs estão subordinadas à Divisão de Polícia de Atendimento à

Mulher (DPAM) – Coordenadoria das DEAMs.

Rua da Relação 42/11º andar – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: (21) 3399-3060

Número de Telefone das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

DEAM LEGAL-RIO (CENTRO)

Rua Visconde de Rio Branco 12 – Praça Tiradentes | CEP 20060-080 | Telefone: (21) 3399-3370, 3399-3377, 3399-3373 e 3399-3379 | Referência: Praça Tiradentes

DEAM-CAXIAS

Rua Tenente José Dias 344 – Centro – CEP 25110-305 | Telefone: (21) 3399-3710, 3399-3708 | Telefone:/fax (21) 2671-7757 | Referência: Em frente ao Colégio Santo Antônio

DEAM-NOVA IGUAÇU

Rua Joaquim Sepa 180 – Marco 2 – CEP 26261-100 | Telefone: (21) 3399-3720, 3399-3721 e 2667-4121 | Telefone:/fax (21) 3399-3718 | Referência: Dois pontos de ônibus depois da Faculdade de Nova Iguaçu

DEAM LEGAL-OESTE

Av. Maria Tereza s/nº – Campo Grande – CEP 23050-160 | Telefone: (21) de 3399-5710 até 3399-5718 | Referência: Pegar entrada para Estrada do Mendanha na Av. Brasil. Próximo ao Hospital Rocha Faria; ao lado da 35ª DP

DEAM-NITERÓI

Av. Ernani do Amaral Peixoto 577 - Niterói | CEP 24020-073 | Telefone: (21) 3399-3700, 3399-3701, 3399-3698 e 3399-3703 | Referência: Em frente ao Fórum, no prédio da 76ª DP

DEAM-SÃO GONÇALO

Av. 18 do Forte 578 - Mutuá - CEP 24635-000 | Telefone: (21) 3399-3730, 3399-3733 e 3399-3731 | Referência: Após o Clube Mauá, primeira rua à direita, ao lado da 72ª DP.

DEAM LEGAL-BELFORD ROXO

Av. Retiro da Imprensa 800 - Belford Roxo | Nova Pian - CEP 26112-180 | Telefone: (21) 3399-3980 e 3399-3985 | Referência: Após o Habbib's primeira à direita e primeira à esquerda. Ao lado da 54ª DP

DEAM LEGAL-JACAREPAGUÁ

Rua Henriqueta 197 - Tanque - CEP 22735-130 | Telefone: (21) 3399-7580, 399-7581, 3399-7585 e 33997587 | Telefone:/fax (21) 3392-2186 | Referência: Rua do Posto de Saúde, do Corpo de Bombeiros e da Cedae. Ao lado da 41ª DP

DEAM-VOLTA REDONDA

Av. General Newton Fontoura 540 | Aterrado Nossa Senhora das Graças | Telefone: (24) 3399-9140, 3399-9141 e 3399-9142 - Telefone:/fax (24) 3399-9148 | Referência: Rua atrás da 93ª DP

ABRIGOS DE ATENÇÃO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Os Abrigos de atenção às mulheres que sofreram violência doméstica são locais que podem ser acessados pelas vítimas que estão em situação de risco de vida. Nestes espaços as mulheres também podem levar seus filhos e

filhas. Os endereços não são divulgados com o intuito de proteger as vítimas.

Casa Abrigo Maria Haydée Pizarro Rojas - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Rio Mulher | Telefone: (21) 2222-0861 ramais 205, 206, 228 e 231

Casa Abrigo Lar da Mulher - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Disque Mulher | Telefone: (21) 2299-2121

Casa Abrigo Deiva Rampini - Volta Redonda

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através da Casa Berta Lutz | Telefone: (24) 3345-4444 - Ramal: 268

Casa da Mulher Benta Pereira - Campos de Goytacazes

Atendimento: 24h | Encaminhamento: através do NIAM | Telefone: (22)2735-3925

SERVIÇOS DE SAÚDE COM FOCO NO ATENDIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Instituto Municipal da Mulher Fernando Magalhães

O Instituto da Mulher Fernando Magalhães atende as mulheres que foram vítimas de violência sexual e é uma instituição que realiza o aborto previsto em lei.

Rua General José Cristino 87 - São Cristóvão | CEP 20921-400 | Telefone: (21) 2580-8343 - Ramal: 231 e 2580-1132 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto do Campo de São Cristóvão

SOS Mulher - Centro de Atenção à Mulher Vítima

Rua do Prado 325 - Santa Cruz - CEP 23555-012 | Telefones: (21) 2299-7809, 2299-7810, 2299-7811, 2299-7812 | Referência: Perto da estação de Santa Cruz | Atendimento: 24 horas

Hospital Geral de Nova Iguaçu (Hospital da Posse)

Av. Henrique Duque Estrada Mayer 953 - Posse | Nova Iguaçu - CEP 26030-380 | Telefones: (21) 3779-9900 ramal 245 Tel/fax (21) 2667-4152 | Atendimento: 24 horas

Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP)

Rua Marques do Paraná 303 - Centro - Niterói | CEP 24030-210 | Telefone: 2629-9070

Hospital Maternidade Alexander Fleming

Rua Jorge Schimidt 331 - Marechal Hermes | CEP 21610-345 | Tel (21) 2450-2580 e 2450-2007 (Gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Próximo à Comlurb e à 30ª DP

Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro

Av. Ministro Edgard Romero 276 - Madureira | CEP 21360-200 | Telefone: (21) 3390-0180 e 3390-8374 | Atendimento: 24 horas | Referência: Em frente ao Mercado de Madureira

Hospital Maternidade Carmela Dutra

Rua Aquidabã 1.037 - Lins de Vasconcelos | CEP 20720-290 | Telefone: (21)

2597-3552 e 2269-5446 (gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Paralela à Rua Dias da Cruz

Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth

Praça XV de Novembro 4 fundos - Centro | CEP 20010-010 | Telefone: (21) 2507-6001 e 2224-3875 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto da estação das barcas

Hospital Municipal Lourenço Jorge

Av. Ayrton Senna 2.000 - Barra da Tijuca | CEP 22775-000 | Telefone: (21) 3111-4600, 3111-4603 e 3111-4607 | Atendimento: 24 horas | Referência: Atrás do BarraShopping

Hospital Municipal Miguel Couto

Rua Mário Ribeiro 117 - Gávea - CEP 22431-000 | Telefone: (21) 3111-3800, 3111-3711 e 3111-3712 | Referência: Em frente ao estádio do Flamengo

Hospital Municipal Paulino Werneck

Estrada do Cacuia 745 - Ilha do Governador | CEP 21921-001 | Telefone: (21) 3111-7700 / 3111-7705

Hospital Municipal Salgado Filho

Rua Arquias Cordeiro 370 - Méier - CEP 20770-000 | Telefone: (21) 3111-4100 e 3111-4101 | Referência: Próximo à estação de trem

Hospital Municipal Souza Aguiar

Praça da República 111 - Centro - CEP 20211-350 | Telefone: (21) 3111-2630 e 3111-2601 | Referência: Em frente ao Campo de Sant'Ana

Atendimento e Informações às Mulheres Soropositivas (HIV/Aids)

Hospital Universitário Pedro Ernesto/Grupo Parceiros da Vida

Boulevard 28 de Setembro 87/5º andar - Vila Isabel | CEP 20551-030 | Anfiteatro-Setor de Ginecologia | Telefone: 2587-6153, 2587-6157 e 2587-6506 | Reuniões toda primeira 5ª feira do mês, das 14h às 16:30h

Disque Saúde

Ligue 0800-611997 | Orientações sobre saúde e informações sobre DST/Aids | Atendimento: 2ª a 6ª feira das 8h às 18h

Centro de Referência em Direitos Humanos para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Aliados

Serviço prestado pela Sociedade Civil em parceria com a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos.

Av. Rio Branco 131 - 16º andar - Centro - Rio de Janeiro | CEP 20040-006. | Telefone: 3399-1304 / 3077-9116 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 10h às 18:30h

FUNDAÇÃO PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (FIA)

Órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que presta os seguintes serviços:

• Programa de Atenção à Crianças e Adolescentes Vítimas de maus tratos

Telefone: (21) 2293-2099, 3971-1902 e 2293-0958

• Disque-Denúncia "Combate à Exploração Sexual"

Telefone: (21) 2504-1688

• SOS Criança Desaparecida

Telefone: (21) 2286-8337, 2299-1434, 2286-7631 e 2226-6375 | soscriancas-desaparecidas@fia.rj.gov.br

• Programa Procuo Minha Família

Ajuda a localizar parentes de pessoas que estão ou estiveram abrigadas em instituições públicas

Telefone: (21) 2579-2154, 2299-1470 e 2527-0598 | Rua Voluntários da Pátria 120 - Botafogo | CEP 22270-010 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. | www.fia.rj.gov.br

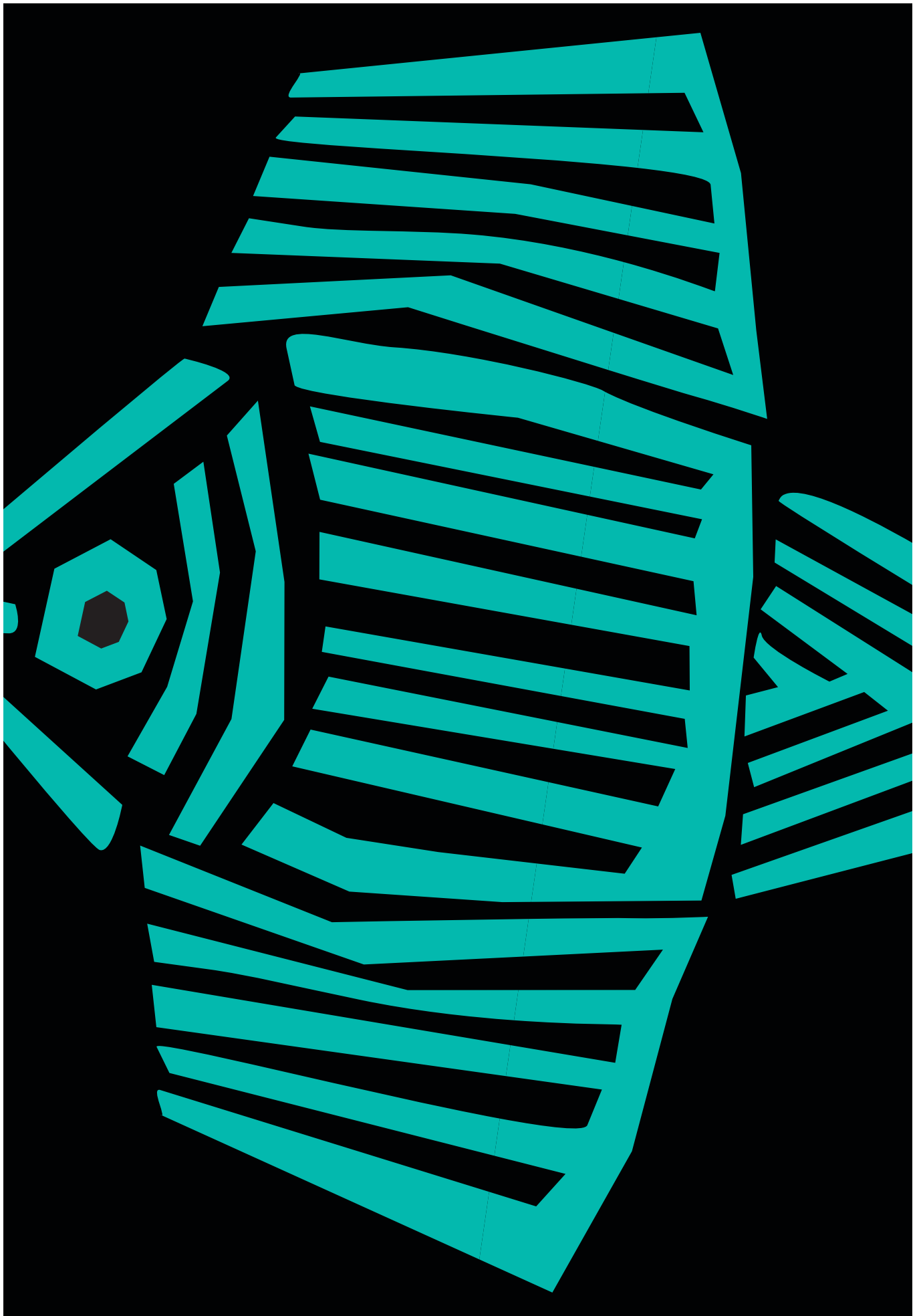
• Disque Denúncia de abuso, exploração sexual praticados contra crianças e adolescentes

Telefone: 0800-990500 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 8h às 18h

Instituto ProMundo

O Instituto Promundo é uma organização não-governamental que busca prevenir a violência contra mulheres, crianças e jovens no Brasil e no mundo.

Rua da Lapa, 161, sobrado | Centro - Rio de Janeiro - Brasil | Cep. 20021-180 | Telefone/Fax: +55 (21) 2544-3114 | e-mail: promundo@promundo.org.br



Textos

Thayz Athayde
Rafaela Cotta
Linda Cerdeira

Equipe Instituto Promundo

Danielle Araújo - Pesquisadora Sênior
Danielle Lopes - Coordenadora de Projetos
Elisabete Pessanha - Consultora
Linda Cerdeira - Coordenadora de Projetos Sênior
Milena do Carmo - Coordenadora de Projetos
Mohara Valle - Consultora de Comunicação

Programação visual

REC Design

Financiamento

United Nations Trust Fund

Projeto desenvolvido em Cooperação com o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com a colaboração do Núcleo de Atendimento à Violência.

